



ISSN 1677-7220  
v. 13 n. 1, jan./jun. 2014



Universidade Federal do Maranhão  
Centro de Ciências Sociais - CCSO  
Departamento de Biblioteconomia

revista  
**bibliomar**  
*Informação a serviço da ciência*

### EXPEDIENTE

*Prof. Dr. Natalino Salgado Filho*  
Reitor da Universidade Federal do Maranhão

*Profª. Dra. Maria da Glória Serra Pinto de Alencar*  
Coordenadora do Curso de Biblioteconomia

*Profª. Aldinar Martins Bottentuit*  
Chefe do Departamento de Biblioteconomia

#### Editora-Chefe

*Profª. Dra. Maria de Fátima Braga*  
Professora da Disciplina Política Editorial

#### Editores:

Aderlou Oliveira da Silva  
Amaury Araujo Santos  
Edson Matos Capetini  
Elieil da Silva Cardozo  
Eliza Leslie Gomes do Lago  
Erinete Abrantes Silva  
Feitosa Bento de Figueiredo  
Fernanda Fonseca Neves  
Girlenice de Jesus Silva Ferreira  
Helenilza Santana dos Santos  
Janailton Lopes Sousa  
Joice Chrystine Santos Borges  
Marcia Adriana Barbosa Lima  
Markelly Soares Martins  
Michelly Daiany de Jesus Povoas  
Mirna Karine Santos Ribeiro  
Natanael Conceição Cantanhede  
Rayssa Cristhalia Viana da Silva  
Riulla Pinheiro Costa

#### Revisão Editorial:

Amaury Araujo Santos  
Janailton Lopes Sousa  
*Profa. Dra. Maria de Fátima Braga*

Copyright © 2014 – Universidade Federal do Maranhão

Editoração Eletrônica: *Amaury Araujo Santos*

Capa: *Janailton Lopes Sousa | Joyce Chrystine S. Borges*

*Impresso no Brasil – Printed in Brazil*

Efetuada o depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº. 10.994 de 14 de dezembro de 2004

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É permitida a reprodução total ou parcial da Revista Bibliomar  
do Curso de Biblioteconomia desde que citada a fonte.

#### FICHA CATALOGRÁFICA

Revista Bibliomar / Curso de Biblioteconomia. v. 13, n. 1 (2014.1). -  
São Luís: UFMA, 2014.

90 p.

n. 1

Semestral.

ISSN 1677 - 7220

1. Biblioteconomia - Periódicos. I. Universidade Federal do Maranhão. II. Curso de de Biblioteconomia 2. Título

CDD 020.5

CDU 02 (05)

## EDITORIAL

Prezados leitores,

Com muita satisfação lançamos o volume 13, número 1, janeiro/junho de 2014, da Revista Bibliomar. É a primeira edição de 2014 e primeira também sob minha responsabilidade, visto que assumi a disciplina Política Editorial, no semestre 2014.1, até então sob a batuta da professora Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira, que deixou de ministrá-la em decorrência de sua aposentadoria.

Foi um desafio e tanto! Especialmente por substituir essa professora que criou a revista e cuidou com muita competência para garantir o lançamento das edições desde sua criação em 2001, enfrentando e superando todos os percalços que se atravessaram no seu caminho. Para garantir a presente edição as dificuldades também foram inúmeras, mas a complexidade dessa tarefa editorial foi superada pelos membros das comissões, compostas pelos alunos do 5º período do Curso de Biblioteconomia da UFMA, semestre 2014.1, cujo trabalho serviu para engrandecer os esforços de todos aqueles que se empenharam em dar conta dessa árdua responsabilidade, contando com o apoio incondicional dos professores/pareceristas e patrocinadores, aos quais apresentamos nossos agradecimentos.

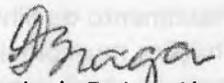
Neste número, não temos uma temática central. Preferimos deixar os autores bem à vontade na escolha do tema e não nos arrependemos, pois fomos brindados com artigos variados para os quais os autores se utilizam de bases teóricas e metodológicas de diversas áreas do universo da Ciência da Informação.

Apresentamos, pois, os artigos que compõem este número:

“Museu como mediador de informação e cultura na era virtual”, de Mônia Lorena do Nascimento da Silva e Lílian Gatinho Santos, demonstra como as instituições museológicas, propiciadores de informação e cultura no contexto atual, expandiram seu ambiente de atuação para o ambiente virtual, a fim de buscar maior proximidade com seu público alvo. “Informar para educar: o papel das Bibliotecas Públicas no processo de democratização do acesso à informação ambiental”, de Alessandra Gomes Melo Aguiar, analisa o papel das Biblio-

tecas Públicas e dos Bibliotecários no processo de democratização do acesso à informação ambiental, bem como discute a importância deste tipo de Informação. "Mudanças administrativas em Bibliotecas originadas com a globalização e as tecnologias de informação", onde a autora Mônia Lorena Nascimento da Silva tenta estabelecer vínculo entre as novas tecnologias e a informação, para mostrar que as TI's são apenas uma forma de processamento da informação. "A Leitura e a literatura infantil: um olhar para a acessibilidade por meio do braille", de Lílian Gatinho Santos e Mônia Lorena do Nascimento da Silva, tem como tema principal a literatura infantil no contexto das crianças cegas, mas não deixa de considerar a sua importância para aquelas sem deficiência visual. Carlos Eduardo Pinto Costa, graduando de Letras, contribui neste número com dois artigos, cujos conteúdos trazem elementos para interagir com a Ciência da Informação: "O homem contemporâneo: uma análise das nuances literárias presentes no conto Nunca é Tarde, Sempre é Tarde, de Sílvio Fiorani", onde o autor analisa as representações das personagens em seus convívios sociais; do espaço como gerador da condição de vida; do discurso que permeia as ações das personagens e do tempo que rege o desenrolar da narrativa, assim como sua simbologia; e "Personagem sempre contemporânea: a persistência de Madame Satã", cujo estudo demonstra que a personagem possui características de relevante importância para o estudo de figuras pertencentes à sociedade carioca no decorrer do tempo. Em "Perspectivas da disseminação da informação nas redes sociais virtuais", Kleber José Costa Barros analisa a disseminação da informação nas redes sociais virtuais e como essa usabilidade influencia no cotidiano dos usuários nos mais diversos ambientes. Enfim, o importante é que os resultados das pesquisas aqui apresentados possuem conexões e intersecções com a Ciência da Informação, cujos processos de interação e a informação estão diretamente associados.

Uma ótima leitura!

  
Profª Drª Maria de Fatima Almeida Braga  
Professora da Disciplina Política Editorial

## SUMÁRIO

<b>MUSEU COMO MEDIADOR DE INFORMAÇÃO E CULTURA NA ERA VIRTUAL</b> <i>Mônia Lorena do Nascimento da Silva</i> <i>Lilian Gatinho Santos</i> .....	7
<b>INFORMAR PARA EDUCAR: o papel das Bibliotecas Públicas no processo de democratização do acesso à informação ambiental</b> <i>Alessandra Gomes Melo Aguiar</i> .....	19
<b>MUDANÇAS ADMINISTRATIVAS EM BIBLIOTECAS ORIGINADAS COM A GLOBALIZAÇÃO E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO</b> <i>Mônia Lorena do Nascimento da Silva</i> .....	33
<b>A LEITURA E A LITERATURA INFANTIL: um olhar para a acessibilidade por meio do braille</b> <i>Lilian Gatinho Santos</i> <i>Mônia Lorena do Nascimento da Silva</i> .....	45
<b>O HOMEM CONTEMPORÂNEO: uma análise das nuances literárias presentes no conto <i>Nunca é tarde, sempre é tarde</i>, de Sílvio Fiorani</b> <i>Carlos Eduardo Pinto Costa</i> .....	61
<b>PERSONAGEM SEMPRE CONTEMPORÂNEA: a persistência de Madame Satã</b> <i>Carlos Eduardo Pinto Costa</i> .....	71
<b>PERSPECTIVAS DA DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS</b> <i>Kleber José Costa Barros</i> .....	79

## MUSEU COMO MEDIADOR DE INFORMAÇÃO E CULTURA NA ERA VIRTUAL

Mônia Lorena do Nascimento da Silva<sup>1</sup>  
Lílian Gatinho Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

As instituições museológicas, como propiciadores de informação e cultura no contexto atual, expandiram seu ambiente de atuação para o ambiente virtual, a fim de buscar maior proximidade com seu público alvo. Isso se dá a partir da necessidade latente pela qual se deparava, rompendo com barreiras geográficas e a dificuldade que os indivíduos supostamente encontram para sua visita. Diante disso, fez-se necessário uma breve abordagem sobre informação e cultura, e como elas são mediadas por meio dos museus. Realizou-se uma análise conceitual sobre o museu e também um parecer deste enquanto instituições culturais e informacionais. Com isso a abordagem sobre museus virtuais é iniciada considerando sua necessidade e adequação com a sociedade global e tecnológica. Este trabalho tem como objetivo essencial mostrar a importância do museu como meio cultural, além de salientar a importância da adaptação dos museus às necessidades da sociedade atual por meio de sua implantação no ambiente virtual. Para isso foi realizada revisão bibliográfica em livros e artigos que tinham como assunto principal o museu e que abordavam questões a respeito de sua relação direta com a cultura e informação e sobre sua nova forma virtual para aproximar-se ainda mais de seu público. O trabalho pôde ressaltar como os museus virtuais conseguem oportunizar sua visita, rompendo com as barreiras geográficas e também transmitindo as sensações do contato com a história que existe em seu interior.

Palavras-chave: Museu. Cultura. Informação. Museu Virtual. Memória da Sociedade.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: monialorena@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: lilian\_gatinho@hotmail.com

## EPÍGRAFE

Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião.

Norberto Bobbio

## 1 INTRODUÇÃO

É percebido certo descaso da população quando o assunto tratado é visita aos museus e o desconhecimento da existência dos museus virtuais, fato que nos trouxe bastante inquietação suscitando assim, interesse em abordar sobre este assunto, tendo em vista que os museus são instituições que têm como premissa a socialização de bens culturais produzidos pela humanidade e caracterizam-se como ferramentas importantes na construção da cidadania.

Muita das vezes, os visitantes são vistos como meros expectadores passivos, diante do espetáculo que é o museu. A visita ao museu, em sua maioria, é vista como artifício para transmitir uma imagem de indivíduo culto e intelectual. De fato, estes quesitos são propiciados por meio dos museus, *cultura e reflexão*, porém, a busca por estes deveria ser a verdadeira razão que da ida dos indivíduos até os museus.

Se o que diferencia-nos dos demais animais é o fato de sermos seres pensantes e sociais, parece correto afirmar que a formação do homem precisa abranger todos os elementos possíveis que compõem a cultura. Mudanças no contexto global ocorrem a todo o momento, principalmente decorrentes da evolução da globalização e, as instituições tentam acompanhar esses acontecimentos para melhorar seus serviços e continuar oferecendo o que o mercado deseja. Com os museus não poderia ser diferente.

Os museus adequaram-se a essa nova realidade e se virtualizaram. Abraçaram o ciberespaço para ir de encontro dos seus usuários que, aparentemente, encontra certa dificuldade em ir até eles. Se as lojas chegam até a casa dos clientes, por que não as obras e histórias transmitidas por meio de um acervo cheio de riquezas culturais. As

tecnologias acabaram afetando a forma de ir e de ver o museu. Essas formas e mudanças serão abordadas no decorrer desse ensaio.

## 2 CULTURA E INFORMAÇÃO: breve julgamentos

Para que um museu, assim como qualquer outra unidade de informação, possa fazer cumprir com seu dever na sociedade, o de ser difusor de informação e assim contribuir com o processo de educação e cidadania, é necessário que os cidadãos visitem e tenham acesso ao museu. Pressupõe-se que por meio dele, os cidadãos tenham acesso a uma diversidade relevante de informações e culturas, até por que ele se configura em um ambiente onde há uma reunião de obras que guardam, preservam e retratam histórias da sociedade. Com isso, conhecer sobre o que é informação e cultura se faz necessário para a construção do conhecimento no contexto dos museus como mediadores destes.

De acordo com Le Coadic (1996, p. 5) "A informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual." Segundo esse autor, informação traz em si um sentido, um significado, que é transmitido por meio de uma mensagem, seja qual for o seu suporte. Ou seja, a informação, só passa a ser informação quando um dado têm significado para um indivíduo, com isso a informação pode ser entendida como algo que acontece em primeira instância no ambiente cognitivo. A informação é peça chave na construção do conhecimento. Barreto (1994, p. 2) afirma que "[...] a informação qualifica-se, em forma e substância, como estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo [...]". Nos dias atuais a informação se tornou uma moeda valiosa, principalmente quando sua posse relacionasse à detenção de poder, fato compreensível se analisarmos o quão importante ela é, sobretudo nesta sociedade da informação.

Já a cultura, diferente da informação, não é um termo que representa um só conceito ou universo, cultura é uma palavra cujo significado pode ser considerado bem complexo. De acordo com Eagleton (2005, p. 9) "[...] um de seus significados originais é a 'lavoura' ou o 'cultivo agrícola' [...]", ou seja, é a cultura voltada à área agricultura, sendo esta a primeira ideia de cultura, contrapondo-se visivelmente à arte, as questões sociais, à questão de seguir regras ou dos modos

de vida como estamos frequentemente acostumados, pois teve que passar, como diz o próprio autor, por transformações semânticas que acompanharam a mudança da sociedade do meio rural para o urbano e também enfrentar as mudanças históricas. Com isso, mostra-se precipitado um conceito geral de cultura, porém, a fim de delimitar padrões para sua definição, podemos considerar que a cultura possui duas dimensões: a antropológica e a sociológica.

Segundo Botelho (2001, p. 3-4) em sua dimensão antropológica “[...] a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas.” e no que se refere à dimensão sociológica ela [...] é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão.”

De acordo com Santos (2006 p. 44-45):

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade [...] é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social [...] é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor [...].

A partir disso, julgamos que a cultura é indissociável do ser humano e característica precípua decorrente da vida deste. Cultura e informação, segundo Marteleto (1995) são fenômenos que se inter-relacionam pela sua própria natureza, onde a primeira funciona como memória, conservada e transmitida de geração em geração e além disso é uma depositária da informação.

### 3 MUSEU: uma análise conceitual

A origem da palavra museu vem do grego *mouseion* que significa lugar de contemplação e seu passado teve início com a ideia de colecionismo desde a Antiguidade Clássica.

Os museus foram criados como uma maneira de conservar o conhecimento, ordenando e guardando objetos que representam a história de uma pessoa, grupo ou sociedade como um todo. Segundo Kersten e Bonin (apud MUSAS, 2007, p. 120) “Quando se fala em museu, fala-se do que é ‘material’, ou seja, de arquivos de cultura material,

de objetos de outro – pessoas semelhantes ou diferentes, observadas por ‘estranhos’[...]”

O museu em sua história adquiriu uma função determinante relacionado à memória e ao patrimônio cultural de uma sociedade. O processo de selecionar quais objetos e obras deverão ser conservados e preservados para a contemplação da sociedade, garante que a instituição museológica no exercício de poder das classes dominantes determina quais valores e conceitos serão parte da memória deste período histórico.

Para Magaldi (2010, p. 102), o museu é

[...] um espaço de guarda de objetos, parcela material móvel da produção cultural da humanidade [...] sob a forma de uma instituição permanente, dedicada ao estudo, conservação, documentação e exibição de evidências materiais do homem e do seu meio ambiente.

A visão do que é museu tem ligação com sua função enquanto espaço de guarda de memória.

Porém, essa visão que podemos considerar, inclusive, arcaica de que o museu é apenas um espaço onde se guarda e preserva a memória de uma sociedade não é compartilhada por todos. A exemplo disso, Malraux (2000, p. 12) considera que os museus são locais que “[...] proporcionam a mais elevada ideia do homem.” Corroborando com este pensamento sentimental exposto por Malraux, Benjamin (2005, p. 138) afirma que os museus são “[...] espaços que suscitam sonhos.”

Felizmente podemos contar com uma diversidade de olhares a respeito do museu e de uma possível definição. Segundo Chagas (1994, p. 59) museu “[...] não é apenas uma casa de preservação ou um centro de excelência científica ou uma casa de espetáculos, mas a combinação potencializada de todas estas tendências [...]”.

#### 3.1 Museus como instituições culturais e informacionais

Os museus são hoje instituições inteiramente adaptadas à contemporaneidade, estabelecendo poderosas pontes entre culturas, entre o passado, presente e futuro; são agências de inclusão cultural, de afirmação identitária de grupos variados, de reconhecimento da diversidade.

Os museus brasileiros estão em movimento. Por isso, interessa compreendê-los em sua dinâmica social e cultural. Os museus têm aroma de vida e querem, por determinação de quem os alimenta, inundar a vida de mais vida. "Há uma hora em que os museus de pedra e cal e os museus virtuais são baús abertos da memória afetiva da sociedade, da subjetividade coletiva do país." (MOREIRA, 2006, p. 6). Eles abrigam o que fomos e o que somos, e inspiram o que seremos.

De acordo com Silva e Ramalho (2011, p. 10) "Os museus podem ser considerados, entre os ambientes educacionais, como os grandes contribuintes, especialmente nas últimas décadas, para a democratização da informação [...]", tendo em vista que promovem situações de construção de conhecimento, de adesão a valores, de reflexão e interação social. O museu tem que imprimir marcas, levantar questões, diferenças, diversidades, conflito.

Gilberto Gil, Ministro de Estado da Cultura, afirmou que "Os museus brasileiros devem cumprir um papel de referência e base para o futuro da cultura. Que eles sejam música e poesia para os nossos corpos, mentes e espíritos [...], e que os brasileiros possam se orgulhar dos seus museus, novos e velhos." (MOREIRA, 2006, p. 7) No momento em que apresenta pesquisa e educa, o museu se manifesta ideologicamente comprometido o com a sociedade e oferece influência tanto no modo de pensar quanto no comportamento do seu público.

### 3.2 Os museus virtuais

Há algum tempo tem sido feito um esforço para motivar a incorporação de museus no ambiente virtual e demonstrar os possíveis benefícios de um poderoso mecanismo de comunicação - a internet, até pelo fato de que os indivíduos que estão inseridos na sociedade tecnológica e informacional utilizam a internet diariamente e, pode-se dizer, inclusive, que não conseguem se distanciar dela por suas vidas exigirem esse suporte para sua comunicação, informação e realização de atividades, tanto de cunho pessoal e social, quanto de cunho profissional. Se a internet se apresenta atualmente como um ambiente de frequente visita dos indivíduos, por que não levar os museus até eles, já que, em sua maioria, o inverso não acontece com a frequência que seria ideal?

Com o passar do tempo, foram produzidas e provocadas grandes transformações no campo da Museologia. Levando em consideração que o fazer museológico é resultado das relações humanas, podemos afirmar de fato que as práticas sociais globais tiveram relevante influência nos novos paradigmas dos museus.

No ambiente virtual, encontramos uma quantidade bastante considerável de *sites*, *blogs* comunidades virtuais e outros relacionados aos mais diversos gêneros culturais, inclusive à arte. Com isso, os museus aproveitaram para expandir sua forma de atuação. Mudanças ocorreram e, como toda mudança, ocasionaram-se algumas resistências. Era preciso alterar hábitos de mercado, imprimir uma nova dinâmica, uma nova forma de relacionamento com as comunidades e com o público.

De acordo com Moutinho (1994, p. 7):

Para lá das funções tradicionais da recolha, conservação e exibição de objectos, os museus têm vindo a pretender servir como meios de comunicação, abertos às preocupações do mundo contemporâneo. Para isso têm vindo a utilizar o que a tecnologia coloca ao seu alcance, guiam-se à luz do 'marketing' e da gestão empresarial moderna [...].

Por meio desta afirmação, Moutinho (1994) expressa a nova postura tomada pelos museus diante da era da comunicação, tenho que identificar-se como uma instituição além de apenas cultural e museológica, mas também de empresa que busca sua permanência e sobrevivência na sociedade, tendo que moldar-se à mesma oferecendo o que ela necessita.

As tecnologias abriram novas perspectivas para os museus, estes foram se adequando as mudanças sociais de cada época. Agora o museu passa a ocupar novos espaços: se virtualiza. Segundo McKenzie (apud MAGALDI, 2010, p. 82) os museus virtuais são "[...] globais, dinâmicos, multidisciplinares, podendo incluir música, artes, ciências, política entre outras opções". Quem já teve acesso a um museu virtual pode confirmar as palavras de McKenzie e ainda suscitar outros olhares, pois este se apresenta como um mundo mágico aos olhos de quem se posiciona em frente à tela, com a possibilidade de adentrá-lo e poder vasculhar cada canto como se estivesse ali, presente naquele exato momento, e desfrutar das sensações que ele proporciona.

Essas variações fazem com que o museu se diversifique, disponibilizando parte do acervo em rede, possibilitando que vários usuários/visitantes, muitas vezes impedidos pela distância ou falta de recursos financeiros, pudessem conhecer e visitar as coleções dos mais famosos museus do mundo. Nesse momento, o visitante é usuário de uma rede eletrônica e o endereço do museu passa a conter iniciais WWW (World Wide Web), além de se expressar em vários domínios (*com.br, gov.br, net.br* etc).

O museu virtual possui como característica a não existência em materialidade, é uma criação no meio cibernético. Outrora, as visitas eram presenciais, agora basta saber o endereço eletrônico e se conectar ao museu desejado. O visitante acessa em tempo real as salas de exposições virtuais, em um ritmo definido por ele mesmo; ele deixa de ser um sujeito passivo, que apenas reage à mensagem transmitida, passando a ser incentivado a participar e interagir o espaço, sendo ele mesmo o seu guia. Cada visitante pode criar o próprio percurso expositivo, de acordo com sua experiência, gostos pessoais, nível cultural etc. Com isso foi-se ampliado tanto o alcance geográfico quanto o seu conceito através da disponibilização de informações em suas páginas na internet e da virtualização do seu espaço físico.

Criação de *sites* com informações sobre o acervo, divulgação de boletins informativos, *e-mails*, catálogos, trocas de informações entre especialistas são algumas das formas das instituições museológicas utilizarem o espaço virtual para anunciar os trabalhos desenvolvidos. Esse ambiente virtual ocasiona uma maior interação com o público e com especialistas, fazendo com que possa existir uma troca de experiências e conhecimentos entre instituições com objetivos similares.

Outra forma de utilização da internet por meio dos museus são as parcerias institucionais, onde um determinado museu pode chamar outro a participar de uma comunidade de conteúdos específicos, criando exposições virtuais com conteúdos culturais e patrimoniais de vários museus.

Antes de finalizar a abordagem sobre museu virtual não poderíamos deixar de frisar dois pontos positivos possibilitados pelo museu virtual, apesar de não ser o enfoque principal deste trabalho. O primeiro trata da questão da preservação das obras e o acesso a obras raras.

A digitalização das obras permite que elas não sejam constantemente expostas e com isso diminui seu contato com agentes de deterioração. O outro ponto é que por meio das digitalizações disponíveis nos acervos virtuais, obras raras as quais somente um público seletivo e muito restrito poderia ter acesso, são colocadas à disponibilidade para apreciação.

Até então, assim como Rodrigues e Crippa (2010, p. 9), também acreditamos que “[...] novas tecnologias possibilitam formas promissoras de mediação cultural e com ‘hierarquias’ menos rígidas.”

#### 4 CONCLUSÃO

É possível concluir a dimensão de humanidade dos museus: eles não são simplesmente casas onde são conservados e preservados vestígios e restos do passado, estão muito, além disso, são fontes de sonhos e de criatividade, de reflexão da evolução social e cultural e ainda pontes que nos conectam com o futuro.

E diferente do que subjetivamente pensamos, as visitas virtuais cativam clientela, e “[...] não substitui a visita presencial, ao contrário, pode estimulá-la como forma de planejamento prévio numa viagem ou numa visita *in loco* à instituição.” (CARVALHO, 2005, p. 201).

Sem sombra de dúvidas, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão afetando consideravelmente a forma de trabalho isolada dos museus ao propiciarem as ferramentas básicas para obtenção e intercâmbio de informações na internet. Elas proporcionam ao usuário o fato de que eles mesmos podem ser os produtores e não apenas consumidores de informação. As novas tecnologias podem ser interpretadas como a quebra da formalidade antes ocasionada no processo de mediação cultural.

Agora o museu não está mais em um lugar distante onde, inclusive em alguns casos, precisa-se pagar por sua entrada. Ele está mais perto, mais acessível, mas disponível, podendo ser visitado e revisitado apenas por meio de comandos inseridos em algum suporte tecnológico que proporcione acesso à internet. Então, qual será a desculpa que as pessoas encontrarão, ou a que barreiras elas atribuirão dificuldades para sua não visita aos museus? O museu se instalou no ambiente de encontro social, então, por que não o fazer uma visita?

## ABSTRACT

Museological institutions, as providers of information and culture in the current context, expanded their operations environment to the virtual environment in order to get closer to your target audience. This occurs from the latent need for which was confronted, breaking geographical barriers and difficulties that individuals are supposed to visit. Therefore, it was necessary a brief approach to information and culture, and how they are mediated through the museums. We conducted a conceptual analysis on the museum as well as an opinion of this cultural and information institutions. From that, the approach to virtual museums starts considering your need and suitability for global and technological society. This paper aims to show the vital importance of the museum as a cultural medium, and stress the importance of adapting the museums to the needs of contemporary society through its deployment in the virtual environment. For this literature review was performed in books and articles that had as main subject of the museum and that addressed issues regarding its direct relationship to culture and information and your new virtual way to bring even more of your audience. The work could highlight how virtual museums can oportunizar your visit, breaking geographical barriers and also transmitting the sensations of touch with the history that exists inside.

Keywords: Museum. Culture. Information. Virtual Museum. Memory Society.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. In: **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <<http://al-doibct.bighost.com.br/quest/quest2.pdf>> Acesso em: 03 set. 2013.
- BENJAMIN, Walter. Espaços que suscitam sonhos, museu, pavilhões de fontes hidrominerais. In: CHAGAS, Mário (Org.). **Revista do patrimônio: Museus, antropofagia da memória e do patrimônio**, n. 31/2005. IPHAM, Brasília, p. 138.
- BOTELHO, Isaura. As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011)>. Acesso em: 02 set. 2013.
- CARVALHO, Rosane Maria Rocha. **As transformações da relação museu e público: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual**. 2005. 288 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e tecnologia, Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[http://teses.ufjf.br/ECO\\_D/RosaneMariaRochaDeCarvalho.pdf](http://teses.ufjf.br/ECO_D/RosaneMariaRochaDeCarvalho.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2013.

CHAGAS, Mário de Souza. No museu com a turma do Charlie Brown. **Cadernos de Sociomuseologia** Centro de Estudos de Sociomuseologia, América do Norte, n. 2, 1994. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/535>>. Acesso em: 14 set. 2013.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005, 205 p.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Figueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MAGALDI, Monique Batista. **Navegando no museu virtual: um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno museu**. 2010. 209 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.unirio.br/cch/ppg-pmus/dissertacoes/dissertacao\\_monique\\_magaldi.pdf](http://www.unirio.br/cch/ppg-pmus/dissertacoes/dissertacao_monique_magaldi.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2013.

MALRAUX, André. **O museu imaginário**. Lisboa: Edições 70, 2000.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/535>>. Acesso em: 02 Set. 2013.

MOREIRA, Gilberto Passos Gil. Os museus do Brasil estão bem vivos: a importância dos baús abertos da nossa memória afetiva. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. **Política nacional de museu: relatório de gestão, 2003-2006**. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU, 2006.

MOUTINHO, M.. A construção do objecto museológico. **Cadernos de Sociomuseologia** Centro de Estudos de Sociomuseologia, América do Norte, n. 4, 1994. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/244/153>>. Acesso em: 13 Set. 2013.

MUSAS. **Revista Brasileira de Museus e Museologia**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, 2007.

RODRIGUES, Bruno Cesar; CRIPPA, G. Novas propostas e desafios das mediações culturais em museus virtuais. SEMINÁRIO INVESTIGACIÓN EN MUSEOLOGÍA DE LOS PAÍSES DE LENGUA PORTUGUESA Y ESPAÑOLA, 2., 2011, Buenos Aires. **El pensamiento museológico contemporáneo**. Buenos Aires: ICOM - ICOFOM, 2010. v. 1. p. 599-608.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Tahís Virgínia Gomes; RAMALHO, Francisca Arruda. Uso da informação em museus: visitas ao Centro Cultural de São Francisco. **Biblionline**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 22-37, 2011. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:6qeBavQhr4gJ:www.brapci.ufpr.br/download.php%3Fdd0%3D18740+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 03 set. 2013.

## INFORMAR PARA EDUCAR: o papel das Bibliotecas Públicas no processo de democratização do acesso à informação ambiental

Alessandra Gomes Melo Aguiar<sup>1</sup>

### RESUMO

A questão ambiental é o assunto do momento, porém, apesar de ser grande a produção de documentos científicos que relacionam o meio ambiente com as diversas áreas do conhecimento, na área da Biblioteconomia a informação ambiental é um tema ainda pouco discutido. Desta forma, com este artigo objetiva-se analisar o papel das Bibliotecas Públicas e dos Bibliotecários no processo de democratização do acesso à informação ambiental, bem como discutir sobre a importância deste tipo de Informação. Para tanto, discorre-se sobre o dever do Estado enquanto órgão incentivador da divulgação deste tipo de informação, destacando a importância da Biblioteca enquanto instituição pública que tem como dever sanar, na medida do possível, as necessidades informacionais da comunidade. Analisa-se também neste contexto o papel do Bibliotecário na mediação da informação ambiental objetivando, através da exposição de dados coletados a partir de pesquisa bibliográfica, sensibilizar os Bibliotecários face à questão ambiental visando um maior envolvimento da classe com essa temática.

Palavras-chave: Informação Ambiental. Bibliotecas Públicas. Mediação da Informação.

### 1 INTRODUÇÃO

A difusão da informação, de forma geral, apresenta-se como um elemento fundamental para a transformação social, constituindo-se como base para a mudança de valores e comportamentos individuais e coletivos. Acreditando nisso, a democratização do acesso à informação ambiental no contexto das Bibliotecas Públicas surge como uma medida auxiliar rumo a uma conscientização ambiental abrangente, visto que o Estado, em todas as suas esferas, apresenta graves proble-

<sup>1</sup> Graduanda do 8º período do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: gm.alessandra@hotmail.com

mas ambientais gerados, em sua maioria, pela falta de informação e, conseqüentemente, falta de conhecimentos pertinentes na área.

A informação ambiental mostra-se, em sua maioria, de forma minimalista, uma vez que esta é rotineiramente reduzida a questões ecológicas, sendo excluído o seu significado político-social, o que acaba provocando ruídos na comunicação entre governos e sociedade, devendo-se, portanto, tentar eliminar as dubiedades rumo a uma maior compreensão das relações humanas, naturais e sociais. A promoção deste tipo de informação contribui para a mudança de condutas ao diminuir as incertezas relacionadas ao meio ambiente, fornecendo subsídios para a apropriada abordagem sobre os impactos, efeitos e ações das atividades humanas sobre o meio ambiente. Assim sendo,

Não podemos negar que a incipiência de cidadania no âmbito ambiental esbarra na forma como os programas de Educação Ambiental são desenvolvidos ou concebidos. Por exemplo, muitos limitam-se a trabalhar a Educação Ambiental ensinando ecologia / ciências ou descrevendo os problemas ambientais, ou realizando as famosas campanhas para recolher latas, vidros e garrafas de plástico, sem uma reflexão sobre o porquê de tais atitudes. Além de contribuir para a preservação de recursos naturais, estas atitudes, têm uma dimensão política, ética e cultural (LORENZI, 2003 apud GUIMARÃES, 2006).

Neste contexto, o Bibliotecário, profissional que tem por objetivo sanar as necessidades informacionais conhecidas e desconhecidas de uma comunidade encontra espaço fértil para a aplicação de seus conhecimentos e habilidades ao passo que este pode contribuir além da passiva mediação da informação, mas também promovendo educação a fim de que se obtenha uma maior compreensão sobre esta temática, auxiliando na conscientização política, social, econômica e ambiental de forma integrada. Assim, quebrando o velho paradigma da atuação mórbida do bibliotecário, este profissional ao contribuir efetivamente para as mudanças necessárias no atual contexto ambiental brasileiro construirá também uma nova percepção da conduta do profissional.

Tal pressuposto, bem como o envolvimento das pesquisadoras com o curso Técnico em Meio Ambiente e o curso de graduação em Biblioteconomia, ambos pela Universidade Federal do Maranhão, serviram de motivação para a escolha desta temática, resultando na percepção da necessidade de medidas de Educação Ambiental perma-

nentes na Federação Brasileira como um todo, sendo considerada de fundamental importância a participação das Bibliotecas Públicas para a formação de cidadãos conscientes, uma vez que esta instituição é um órgão ligado ao governo que funciona como um lugar dispositivo de informações, devendo ser, portanto, extensão das ações governamentais. Logo, a Biblioteca Pública constitui-se como um setor ideal para a tomada de medidas que promovam a ampla divulgação de informações ambientais, entendendo que é dever do Estado, juntamente com seus órgãos e entidades, em escalas Federal, Estadual e Municipal, garantir ações que promovam a educação ambiental.

Nessa perspectiva, algumas questões foram suscitadas com este estudo:

1. Qual o papel do Estado na promoção da informação para a educação ambiental?
2. De que forma a Biblioteca Pública, enquanto órgão ligado ao Estado, atua e/ou deve atuar para promover a informação ambiental?
3. Quais habilidades e competências são exigidas do profissional da informação na promoção da informação ambiental?

Na sociedade contemporânea, apesar de ser grande a produção de documentos científicos que relacionam o meio ambiente com as diversas áreas do conhecimento, na área da Biblioteconomia a informação ambiental é um tema ainda pouco discutido. Assim, a partir do levantamento bibliográfico de forma a validar este trabalho no meio científico, com este estudo, pretende-se contribuir com um referencial teórico que promova a informação ambiental entre estes profissionais da informação, acreditando no poder de transformação que tais profissionais possuem, e que possa auxiliá-los na construção de uma sociedade ambiental e politicamente correta. Além disso, com este artigo objetiva-se analisar o papel das Bibliotecas Públicas e dos Bibliotecários no processo de democratização do acesso à informação ambiental, bem como discutir sobre a importância deste tipo de Informação.

## 2 A INFORMAÇÃO AMBIENTAL

A questão ambiental nunca fora tão discutida quanto em nosso século, porém, o meio ambiente, de forma inversamente proporcional,

nunca fora tão agredido. Neste contexto, a partir da preocupação sobre os impactos causados ao meio ambiente, passa-se a falar sobre informação ambiental que, de acordo com Tavares e Freire (2003), é um tipo de informação científica e tecnológica resultante de um processo histórico de tomada de consciência acerca dos prejuízos causados pela ação humana ao meio físico e social.

Acredita-se que, ao se promover a informação ambiental, tem-se como resultado uma maior compreensão sobre a relação indissociável entre os elementos sociais, humanos e naturais, o que pode auxiliar na redução de condutas que sejam prejudiciais ao meio ambiente. Desta forma, possibilitar o acesso à informação ambiental é, sobretudo, possibilitar o acesso à cidadania uma vez que este tipo de informação pode influenciar substancialmente na qualidade de vida da população.

Segundo Barreto (1996 apud TAVARES; FREIRE, 2003), “[...] a informação é qualificada aqui como um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo social e mantém uma relação com o conhecimento, que, por sua vez, só se realiza se a informação é percebida e aceita como tal [...]”.

A questão ambiental é rotineiramente trabalhada em escolas, Ongs, Universidades e instituições de setores públicos e privados que costumam inserir, no seu rol de atividades, ações que consideram de cunho ambiental, geralmente com atividades e/ou palestras sobre os benefícios da reciclagem, as consequências do uso inadequado da água, sobre o desmatamento das florestas, extinção dos animais, e tantos outros assuntos que acabam por simplificar a questão ambiental, resultando em uma visão ingênua da realidade. A falta de uma política de democratização crítica da informação ambiental pode ser considerada causa e consequência da situação atual do planeta, onde

A visão ingênua, presa a armadilha paradigmática, tende à reprodução de práticas educativas consolidadas; como por exemplo, a educação comportamentalista que acredita que dando (transmitindo) ao indivíduo (educando) os conhecimentos (aspecto cognitivo) necessários e ainda provocando nele uma sensibilização (aspecto afetivo) pela questão ambiental, o indivíduo pode transformar seu comportamento incorreto e que, se assim for, ao final teremos como resultado da soma destes indivíduos

transformados uma realidade transformada. (GUIMARÃES, 2006, p. 25).

O caminho único proposto por essa prática desconsidera a relação homem x meio ambiente, geralmente sobrepondo um ao outro, onde o homem, dominador dos bens naturais, não se vê parte integrante do mesmo, devendo procurar ações que minimizem seu impacto de ação sobre o chamado meio ambiente.

Neste sentido, para uma maior compreensão da questão ambiental, cabe a elucidação de seu conceito, afim de que se entenda a importância de se abordar tal tema. Afinal, o que é meio ambiente?

Um conceito que aborda todos os aspectos que devem ser considerados quando se fala de meio ambiente é bem colocado no dicionário (1980, apud TRAVASSOS, 2004, p. 22) onde o meio ambiente é determinado como

O que circunda um indivíduo ou grupo. A noção de meio ambiente engloba, ao mesmo tempo, o meio cósmico, geográfico, e o meio social, com suas instituições, sua cultura, seus valores. Esse conjunto constitui um sistema de forças que exerce sobre o indivíduo e nas quais ele reage de forma particular, segundo seus interesses e suas capacidades.

A ilusória dissociação homem e natureza é o elemento chave para a não consecução do sucesso educativo, sendo necessária a construção de uma nova percepção refletida em uma prática educacional diferenciada.

Assim,

O tema transversal “meio ambiente” trata das relações entre as questões ligadas ao ambiente e aos fatores políticos, econômicos, históricos e sociais. Tais questões criam campos de discussão sobre as responsabilidades humanas dirigidas ao bem-estar social e ao desenvolvimento sustentado, sob o ponto de vista da reversão da crise social em assuntos ambientais, que são o interesse de todo cidadão. (TRAVASSOS, 2004, p. 17).

Neste sentido, a incitação de uma educação ambiental crítica, através da promoção da informação, apresenta-se como meio capaz de transformar a teoria em prática, a ação em reflexão, considerando homem e meio ambiente como elementos complementares rumo a uma “[...] práxis dialógica da diversidade na unidade e da unidade a di-

versidade [...]” (GUIMARÃES, 2006, p. 27), colocando as pessoas como participantes de um mesmo processo na tentativa de solucionar os problemas ambientais.

## 2.1 A biblioteca pública e a informação ambiental

Assistimos nas últimas décadas do século XX a uma profunda redefinição do conceito das Bibliotecas Públicas no cenário mundial. O rompimento da unilateralidade do papel das Bibliotecas Públicas, que a princípio era voltado somente para o armazenamento e tratamento dos acervos, acaba por permitir a análise sobre a inserção dessas organizações no desenvolvimento de ações que possam auxiliar os governos na execução de políticas públicas, principalmente no que se refere à democratização de informações, que visam tornar os cidadãos conscientes e participantes do contexto onde vivem.

No Brasil, as discussões acerca do papel das Bibliotecas Públicas, apesar de existirem, ainda se apresentam de forma muito tímida, sendo vários os motivos apresentados para justificar tal barreira, sendo a principal razão, a falta de investimentos financeiros que acompanhem a necessidade de evolução física e documental de tais bibliotecas.

Mesmo com as dificuldades encontradas na gestão das Bibliotecas Públicas, principalmente no que se refere a arrecadação de verbas para investimento no acervo e estrutura física, devem ser pensadas formas de se atingir o objetivo social das Bibliotecas Públicas, visto que tal objetivo não necessita necessariamente de grandes investimentos de capital, mas sim de investimento laboral por parte dos que integram esta instituição.

Desde seu surgimento, em meados do século XIX nos Estados Unidos e Inglaterra, as bibliotecas públicas tem a missão de atender as necessidades cognitivas de toda a população, devendo acompanhar as mudanças histórico-sociais do contexto onde estão inseridas.

Desta forma

[...] A biblioteca Pública surge, não isoladamente, deslocada dos acontecimentos e da situação da sociedade daquela época. Ao contrário, ela está imersa nas transformações, nas mudanças e alterações daquela época e, assim, deveria continuar participando de cada cenário histórico, cenários não estanques, mas dinâmicos e em constante mutação. A biblioteca pública deve ser

reflexo e causa das transformações da sociedade; deve receber influências, interferir, ser início, meio e fim das alterações sociais numa sequência interminável. Sua origem esteve sustentada por esse quadro. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 22 apud ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 68).

Apesar de surgirem a partir de uma demanda informacional da sociedade, as bibliotecas públicas, tradicionalmente, sempre estiveram vinculadas a uma ação passiva, apenas focada no tratamento e disponibilização do acervo. Assim, de acordo com Almeida Júnior (2003, p. 69),

A passividade; o isolamento; a falta de interesse em promover mudanças; o apego incondicional ao tecnicismo; a defesa de uma pretensa neutralidade e imparcialidade; o enfoque prioritário exclusivo no livro e na leitura; a ideia de que os problemas são resolvidos dentro apenas de seu pequeno espaço; o discurso que advoga a democratização da informação, mas inteiramente dissociado de uma prática voltada para o atendimento de uma ínfima parcela da população; a falta de uma participação efetiva na vida do país; todos esses pontos resultaram numa biblioteca pública com um perfil tradicional, resultando numa biblioteca que existe por si só, independente da comunidade que deve servir.

Assim, rompendo com a visão tradicionalista das Bibliotecas Públicas, passa-se a pensar a biblioteca pública de forma mais abrangente, assumindo um papel ativo na sociedade, com objetivos voltados a integração da comunidade com vistas à formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

Conceitos como o amplo acesso à informação e o papel social das Bibliotecas Públicas, bem como o papel social do Bibliotecário, foram revitalizados a partir do entendimento de que a informação é um dos meios mais efetivos para o desenvolvimento da sociedade, e, neste contexto, a atuação do bibliotecário de forma participativa torna-se elemento chave para a execução deste objetivo, visto que

[...] num certo sentido, verdadeiramente, informação é um conceito difícil porque é abstrato, inerte, aparente em formas que são inertes sem a intervenção do agente humano. Isso significa que o que faz a informação viva é a interação das pessoas transmitindo informação entre elas. (MIRANDA, 1977, p. 24).

Sabendo que é utópica a concepção de que a Biblioteca Pública possa oferecer “tudo para todos”, é necessário analisar que tipos de informação efetivamente possam auxiliar a participação civil das comunidades em seus contextos. Neste sentido, a seleção de informações pertinentes à realidade das comunidades apresenta-se como base na contribuição para o desenvolvimento da sociedade, onde o amplo acesso a informação é considerado como “[...] um requisito para os planos de desenvolvimento em geral [...]” (MIRANDA, 1977, p. 17).

Assim, entendendo que as Bibliotecas Públicas visam a democratização da informação para todos os indivíduos, em todos os níveis da atividade humana, a democratização da informação ambiental surge como elemento primordial para a formação de cidadãos participantes do meio onde estão inseridos. A informação ambiental neste contexto, não diz respeito somente a prática conservadora de educação ambiental, onde a conscientização parte do indivíduo em relação aos deveres ecológicos impostos, sobretudo, pelos meios de comunicação midiáticos da atualidade, mas, principalmente, a conscientização dos direitos de toda a população definidos por questões sócio-políticas, sendo esta o tipo de informação de cunho coletivo e público, devendo, portanto, ser trabalhada e disseminada por órgãos desta estirpe.

O processo de informar por informar, de forma alguma contribui para a ruptura de condutas sociais, porém, a informação com vistas à educação, e, neste contexto, a informação para a educação ambiental no seio das Bibliotecas Públicas deve servir de meio subsidiário na construção de uma sociedade consciente e sustentável, contribuindo, mais do que com a simples informação pela informação, mas por uma educação crítica da comunidade em que está inserida.

## 2.2 O Estado e a Informação ambiental

O Estado, de uma forma geral, constitui-se como um órgão que regulamenta as formas de organização de um território, tendo como uma de suas principais funções garantir a melhoria das condições de vida e bem estar da população. Assim, uma das formas de se garantir esta função é quando no gerenciamento de crises que possam afetar de alguma maneira o bem estar social.

De forma a complementar o entendimento sobre o papel do Estado, Ferreira (2006) afirma que,

[...] o papel do Estado é garantir à população direitos fundamentais que lhe permitam viver com dignidade, superando as trevas da ignorância, tendo corpo e mente sãos, amparada pelo acesso ao sistema de saúde e utilizando os bens culturais para que possa desenvolver e apreciar o belo, e integrar-se ao meio social e ambiente e preservá-lo.

Neste contexto, a questão ambiental, uma vez que considerada em crise, é colocada em pauta, principalmente no que se refere à elaboração e aplicação de medidas que auxiliem na conservação e/ou preservação ambiental.

No que se refere à responsabilidade do Estado (Brasil) frente ao incentivo à questão ambiental, encontra-se, entre tantos outros instrumentos, a lei Federal nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que, em seu Art. 13º dispõe sobre a educação ambiental entre outras providências. Nesta lei afirma-se que

Entendem-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente.

Parágrafo único. O Poder Público, em níveis federal, estadual e municipal, incentivará:

I - a difusão, por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programas e campanhas educativas, e de informações acerca de temas relacionados ao meio ambiente;

II - a ampla participação da escola, da universidade e de organizações não-governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à educação ambiental não-formal;

III - a participação de empresas públicas e privadas no desenvolvimento de programas de educação ambiental em parceria com a escola, a universidade e as organizações não-governamentais; [...]. (BRASIL, 1999, p. 1).

Desta forma, a Biblioteca Pública, sendo um órgão ligado ao Estado, surge como espaço propício à ampla divulgação da informação ambiental vistas a educação da sociedade como um todo, podendo vir

a ser uma instituição que auxilie no alcance de uma sociedade política e ambientalmente correta.

Visto que a Biblioteca Pública não participa formalmente do processo educacional, esta pode articular ações que promovam a informação ambiental a níveis não formais através da elaboração de Projetos Culturais que levem a Biblioteca às comunidades, de forma a alcançar um maior público viabilizando um maior retorno no que se refere a boa prática ambiental.

### 2.3 O papel do Bibliotecário

Assim como em outras profissões, existem profissionais que não fazem por merecer o devido reconhecimento social, e, neste contexto, a inegável acomodação profissional por parte de alguns Bibliotecários, acaba por impor uma imagem negativa à sociedade, criando muros na relação entre a comunidade, a biblioteca e o bibliotecário.

É emergente a construção de uma nova identidade profissional, rompendo com a herança pragmática da classe, onde, para isto se faz necessário

[...] um profissional que tenha além da formação adequada, competências e habilidades exigidas pelas tarefas a desempenhar e ajustadas ao tempo atual, implicando em um redirecionamento da conduta do profissional perante os desafios do momento. (BORGES, 2004, p. 55).

Assim, partindo-se do entendimento de que o bibliotecário deve ser meio para a promoção de informações, a questão ambiental apresenta-se como elemento capaz de aproximar a classe bibliotecária da comunidade de forma positiva, auxiliando também para uma maior visibilidade da classe bibliotecária e da própria biblioteca.

Para tanto, é necessário que o Bibliotecário se engaje com a causa ambiental, procurando ampliar seus conhecimentos sobre o assunto, visto que se trata de uma questão que afeta a sociedade a nível local e global, bem como firmar parcerias, uma vez que a questão ambiental é interdisciplinar, facilitando o alcance do objetivo deste estudo a promoção da informação ambiental crítica.

Neste contexto, o Bibliotecário deve se reconhecer também como um consumidor de informações, utilizando-se de meios para garantir

a sua própria sociedade informacional não só no que se refere às suas necessidades pessoais, mas também, as necessidades do fazer profissional levando sempre em consideração o seu papel social, onde o "dar acesso à informação" no contexto das Bibliotecas Públicas torna-se fator de grande influência na tomada de decisões da/na comunidade.

Assim, o engajamento do Bibliotecário com a questão ambiental pode contribuir para um melhor exercício da cidadania, visto que este tipo de informação, quando bem trabalhada, pode viabilizar um *increase* na qualidade de vida da população.

Desta forma, para que se obtenha maiores chances de sucesso, a informação ambiental deve ser de qualidade, acessível e útil ao processo, devendo ser o Bibliotecário o maior facilitador ao seu acesso. A clareza na disseminação da informação ambiental é o que viabilizará a tomada de decisões rumo a melhoria da qualidade de vida e do meio ambiente.

### 3 CONCLUSÃO

Independentemente do contexto, a Informação torna-se fator decisivo na tomada de decisões, assim, quando se fala em Informação Ambiental, a influência que esta pode causar na tomada de decisões ganha um impacto muito maior.

Oferecer informações que possibilitem a conscientização de atividades que possam de alguma forma impactar ou alterar o seu meio ambiente pode ser o caminho para a construção da então utópica sociedade sustentável. Neste contexto, o Estado deve ser o maior incentivador no processo que caracteriza a gestão ambiental, considerando a Biblioteca Pública e o Bibliotecário como agentes no processo de democratização da informação ambiental trabalhando juntos em um processo interativo facilitando o acesso da comunidade ao grande número de informações que levem ao engajamento ambiental.

Para tanto, o ponto de partida para o amplo acesso à informação ambiental é a integração dos próprios Bibliotecários com a causa ambiental e, a partir disso, atuar como meios de disseminação deste tipo de informação. Assim pode-se, conceitualmente, pensar na Biblioteca Pública e no Bibliotecário como potenciais geradores de informação

ambiental para a difusão de informações que possam de fato ter uma utilidade pública.

### ABSTRACT

The environmental issue is the subject of the moment, however, despite being large production of scientific papers which relate to the environment with the various areas of knowledge in the field of librarianship environmental information is a topic not yet discussed. Thus, with this article aims to analyze the role of Public Libraries and Librarians in the process of democratization of access to environmental information, as well as discuss the importance of this type of information. Therefore, talks over the duty of the state as a body encouraging the disclosure of such information, emphasizing the importance of the library as a public institution whose duty remedy, to the extent possible, the informational needs of the community. Analyzes also in this context the role of the librarian in the mediation of environmental information aiming, through exposure data collected from literature, sensitize librarians face to environmental issues aiming for greater involvement of the class with this theme.

Keywords: Environmental Information. Public Libraries. Mediation Information

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecas Públicas. **Biblioteca Pública: avaliação de serviços**. Londrina: Eduel, 2003. 66-95 p.

BORGES, Maria Alice Guimarães. O profissional da informação: somatório de formações, competências e habilidades. In: \_\_\_\_\_. **O profissional da Informação e o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004. (Estudos Avançados em Ciência da Informação, vol. 3)

BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, a Política Nacional de Meio Ambiente e dá outras providências. **Lex: legislação federal do Brasil**. Brasília, DF. p. 1. 28 abr. 1999. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm)>.

FERREIRA, Maria Mary. Políticas públicas de informação e políticas culturais: e as bibliotecas públicas para onde vão? **Revista Transinformação**, Campinas, maio-ago 2006. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/673>>

GUIMARÃES, Mauro. Armadilha paradigmática na educação ambiental. **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. In: \_\_\_\_\_. LOUREIRO, C.F.B; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R. B. de (Org.). São Paulo: Cortez, 2006.

MIRANDA, Antonio. **Planejamento Bibliotecário no Brasil: a informação para o desenvolvimento**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1977.

TAVARES, Carla; FREIRE, Isa Maria. Informação ambiental no Brasil: para quem e para quem? **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 208-215, jul./dez. 2003.

TRAVASSOS, Edson Gomes. **A prática da educação ambiental nas escolas**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

## MUDANÇAS ADMINISTRATIVAS EM BIBLIOTECAS ORIGINADAS COM A GLOBALIZAÇÃO E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO

Mônia Lorena do Nascimento da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Mudanças originadas na gestão de bibliotecas devido a fatores como a globalização e as tecnologias de informação. Analisa os alcances da globalização e das tecnologias de informação nas bibliotecas e em sua gestão. Aborda alguns conceitos de globalização na visão de alguns teóricos. Discorre a respeito da informação e, além de mostrar algumas definições, a cita como item fundamental no contexto social. Reflete a respeito da tecnologia, trazendo um breve histórico. Estabelece vínculo entre as novas tecnologias e a informação, afirmando que as tecnologias de informação são apenas uma forma de processamento da informação. Traz uma concisa explicação sobre os impactos das tecnologias para o ambiente da biblioteca dizendo os procedimentos adotados para que a biblioteca se adeque às tecnologias. Conclui afirmando que, diante das mudanças existentes, a biblioteca e os bibliotecários não podem ficar à margem da situação, sendo necessário que estejam dispostos a se manterem atualizados frente às transformações sociais.

Palavras-chave: Globalização. Informação. Tecnologia. Bibliotecas. Gestão.

### 1 INTRODUÇÃO

O mundo tem passado por constantes mudanças: o advento da informática, o uso da Internet, por meio das intranets nas organizações, e a utilização das comunicações virtuais que conectam profissionais, empresas da iniciativa privada e pública e terceiro setor.

O mercado de trabalho global tem se atualizado e se desenvolvido com ferramentas cada vez mais sofisticadas para agilizar os proces-

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

tos de trabalho e até mesmo a gestão. Na biblioteca não seria diferente.

Estamos nos modificando a cada dia, impulsionados, sobretudo, por cinco fatores identificados por Chiavenato (2002, p. 51-52), como sendo "O formidável avanço tecnológico, a enorme ênfase na informação, a gradativa e incessante globalização da economia, o desenvolvimento dos serviços e a importância cada vez maior do conhecimento."

Essa rápida e contínua evolução mundial impacta em todos os setores da economia, afetando diretamente as empresas e a forma como gerenciam seus negócios. Por sua vez, as mudanças no mundo empresarial influenciam o mercado de trabalho, determinado pelas oportunidades que são oferecidas, à sociedade, na medida em que novos perfis profissionais são requeridos.

O objetivo deste trabalho é analisar as influências da globalização e das tecnologias de informação nas bibliotecas e em sua gestão, tendo em vista que as unidades de informação são consideravelmente afetadas pelas tecnologias. Para isso, será feita uma breve abordagem a respeito de globalização, de informação e de tecnologia.

A metodologia utilizada neste trabalho partiu de uma revisão bibliográfica desenvolvida com base nos seguintes autores: Maria da Glória Serra Pinto Alencar, Sandra Mara Silva Brignol, Linda Bulik, Idalberto Chiavenato, Mary Ferreira, dentre outros.

## 2 GLOBALIZAÇÃO

A palavra *globalização* passou a ser extremamente utilizada em falas sobre educação, às vezes de forma positiva — "Na época da globalização se tem que fazer isso [...]" — e muitas vezes de forma negativa.

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Nesse sentido, globalização constitui

[...] o termo que define a economia dos anos 90 – é também ruptura. Rompem-se sistemas de referência, cartografias geo-políticas, alianças sedimentadas, conveniências lucrativas, tensões institucionalizadas, quadros de pensamento instrumentais. A

globalização não é um fato acabado, mas um processo em marcha." (IANNI apud BULIK, 1996, p. 8).

A globalização se implanta no quadro das transformações econômicas das últimas décadas do século XX, que ocasionaram ao homem nova visão de mundo e nova forma de inserção no meio social.

Falar de globalização envolve vários fenômenos – de caráter político, social, econômico e cultural – que vêm acontecendo ao longo dos anos e têm sido percebidos mais fortemente nas últimas décadas, em escala mundial.

Dentro desses diversos valores, discorreremos a respeito de Informação e de Tecnologia nos próximos tópicos.

## 3 INFORMAÇÃO

A capacidade de acesso e de uso da informação vem consolidando-se como principal elemento para o desenvolvimento econômico e social, além de requisito para o exercício da cidadania.

### A informação

[...] é um patrimônio, é algo que possui valor. Quando digital, não se trata apenas de um monte de bytes aglomerados, mas sim de um conjunto de dados classificados e organizados de forma que uma pessoa, uma instituição de ensino, uma empresa ou qualquer outra entidade possa utilizar em prol de algum objetivo. (ALECRIM, 2011).

Sabe-se que a informação é um item fundamental no contexto das relações sociais, pois se constitui em um meio que permite o intercâmbio informacional entre os sujeitos sociais, de maneira que permita a comunicação e, conseqüentemente, a noção de seus direitos e deveres, o que os possibilita a tomada de decisões em suas vidas. Desta maneira, a informação possibilita a humanidade conhecimentos que os levam a exercer sua cidadania, tendo em vista que mulheres e homens bem informados tornam-se sujeitos conscientes de sua própria realidade, designando imediatamente, seus próprios meios de compreender e interpretar essa realidade, a fim de torná-la lógica e relevante para o conjunto de indivíduos.

Segundo Ferreira (2007, p. 4), a informação deve ser vista como “um bem social e um direito humano como qualquer outro, tão importante quanto o direito à saúde, à educação, à justiça etc.”.

#### 4 TECNOLOGIA

O verbo grego *ticein* significa criar, produzir e *téchne*, para os gregos era o conhecimento prático que objetivava um fim concreto. A junção com *logos* (palavra, fala) diferenciava um “simples fazer” de um “fazer com raciocínio”. Aristóteles identificava-a com um fazer que abordava uma linha de raciocínio, que extrapolava as matérias-primas, as ferramentas, mas envolvia as idéias originárias da mente do produtor até o produto final. Assim, a *téchne* abrangia um todo sobre o como e o porquê da produção.

Na cultura industrial, a tecnologia era enfatizada na forma do produto e não mais na forma de produção. Assim reduziu-se a sua noção aos instrumentos; perde assim a tecnologia e a dimensão da subjetividade.

Antes do século XX, a tecnologia era descrita da seguinte maneira: “[...] a tecnologia configura-se como um corpo de conhecimentos que além de usar o método científico, cria e/ou transforma processos materiais.” (SANCHO, 1998, p. 29).

A visão da tecnologia, como ciência aplicada, afasta o espaço da criação e do humano do que é tecnológico.

Já no século XX, na década de 50, o termo compreendia uma crescente gama de meios, de procedimentos e de ideias, além de ferramentas e de máquinas, passar a existir um conceito que envolvia os meios ou as atividades mediante as quais os seres humanos tentam mudar ou manipular o seu ambiente, também se usava como “ciência ou conhecimento aplicado”. Então, o termo tecnologia estava relacionado a transformações, a manipulações e a ações com base no método científico, seu uso e suas aplicações trazem efeitos particulares para as ciências e, por conseguinte, para o conjunto social.

“A interação do indivíduo com as tecnologias tem transformado profundamente o mundo e o próprio indivíduo [...]”. (SANCHO, 1998, p.30). Assim, podemos perceber que a afinidade entre ciência e tecnologia vai aos poucos transformando o indivíduo e as sociedades; essa

mudança ocorre livre da utilização que se faça da tecnologia. Atualmente, não consegue se separar ciência e tecnologia por sua dependência e interdependência. Sancho (1988, p.30), comenta que “[...] toda e qualquer tecnologia vai aos poucos e gradativamente criando um ambiente humano totalmente novo.”

#### 4.1 As Tecnologias de Informação - TI

As novas tecnologias de informação estão integrando o mundo em redes globais de comunicação. A intenção social e política, característica da década de 90, é a construção de um mundo cada vez mais globalizado, interagindo mutuamente com tudo e com todos.

A mudança histórica das tecnologias mecânicas para tecnologias da informação ajuda a desmistificar a ideia de soberania e auto-suficiência promovida no passado.

Sem dúvida, desde o início da década de 70, a inovação tecnológica tem sido conduzida pelo mercado, provocando uma difusão mais rápida dessa inovação. Na realidade, a inovação descentralizada estimulada por uma cultura de criatividade tecnológica e por modelos tecnológicos de sucesso é que as novas tecnologias prosperam.

Baseado nisso, podemos dizer que uma das características da revolução tecnológica é a crescente tendência de tecnologias específicas para um sistema altamente conectado, no qual trajetórias tecnológicas antigas ficam literalmente impossíveis de se distinguirem.

Nesse contexto, as tecnologias da informação são apenas uma forma de processamento da informação; as tecnologias de transmissão e a conexão estão cada vez mais diversificadas e integradas na mesma rede operada por computadores.

A informação como matéria-prima das novas tecnologias, integra toda atividade humana e todos os processos da existência individual ou coletiva, sendo então moldados pelo novo meio tecnológico.

O atual procedimento de tendência em que se encontra a informação leva a uma lógica aparente, toda informação produzida num sistema de informação avançado alcança novas fronteiras de velocidade, de armazenamento e de flexibilidade no tratamento da informação vinda de múltiplas fontes.

Diante disso, a dimensão da revolução da tecnologia da informação destina-se a promover uma interação entre tecnologia e sociedade. Ambas se completam no que diz respeito à sociedade da informação.

O fato de se ter uma ampla quantidade de informação à disposição dos usuários não é suficiente, é necessário que se transforme esse volume de informação em conhecimento e, para tanto, precisa-se de outros elementos e interferências. Entram então as construções, as elaborações e as reflexões que podem ser estabelecidas com essas informações e dados, além de se considerar a qualidade desses dados que precisam ser derivados de setores conhecidos pela seriedade e pela competência, para a formação e estruturação dos dados.

Nesse contexto,

A tecnologia empregada funciona como força impulsionadora da criatividade humana, da imaginação, devido à visibilidade de material que circula na rede, permitindo que a comunicação se intensifique, ou seja, as ferramentas promovem o convívio, o contato, enfim. Uma maior aproximação ente as pessoas [...] (CORRÊA, 2004, p. 3).

## 5 IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS NAS BIBLIOTECAS E NA SUA GESTÃO

A globalização e o advento das novas tecnologias ocasionaram uma profunda transformação em todas as áreas do conhecimento humano, que levaram a informação a inserir-se no contexto de produtora de progresso e riqueza no mercado de trabalho. Conforme afirma Ferreira (2003, p. 33), a informação adquire diferentes finalidades no âmbito do mercado de trabalho:

O acesso à informação visa à geração de vantagem competitiva sobre a concorrência, descoberta de novos nichos de consumidores; pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e serviços, bem como o monitoramento do ambiente externo, a fim de identificar ameaças e novas oportunidades de negócios para as empresas que o compõe.

O bibliotecário, como profissional da informação, também passou por profundas mudanças, desde o seu surgimento em 1910 até os dias atuais, no que diz respeito ao seu papel profissional, que outrora

estava prendido em guardar informação no acervo da biblioteca, passou agora a se responsabilizar por disseminá-la, facilitando o acesso e gerando conhecimento. O grande desafio para o bibliotecário que trabalha com a informação, é estar atento as mudanças impostas pelas inovações tecnológicas advindas do mercado de trabalho, para que não seja ultrapassado por todas essas mudanças.

Ao mesmo tempo em que as tecnologias criam oportunidades no mercado de trabalho e no sistema econômico, acabam também aumentando o número de excluídos, seja o indivíduo ou a própria organização. Por isso, a necessidade de atualização constante não somente dos profissionais, mas também é necessário que “[...] as organizações se reciclem e sigam os preceitos da administração, levando em conta a sabe de tudo, o planejamento.” (PONTES JÚNIOR, 2010, p. 63).

As bibliotecas estão deixando de ser apenas entre paredes e estão avançando para o mundo virtual, facilitando assim a comodidade para alguns e desconfortos para outros, devido à realidade financeira do Brasil ser desigual, onde existe uma má distribuição de bens e consumo. Percebemos que grande parte da população, não tem ainda uma instrução de como manusear tais ferramentas para sua informação. Mesmo diante desse impasse, podemos constatar que com todos os avanços tecnológicos é necessária a presença de bibliotecários e de bibliotecas com pessoal capacitado para atender às necessidades de um público com pouco conhecimento ou sem tempo de efetuar pesquisas.

A Tecnologia da Informação gerou uma modificação na natureza do trabalho que passou de manual para eletrônico, alterando consideravelmente o conteúdo das tarefas, sendo o impacto fortemente percebido pelas bibliotecas.

Segundo Romani e Borszcz (2006, p. 108), o uso da informática em unidades de informação proporciona:

- Maior agilidade na recuperação da informação;
- Acesso a uma quantidade de dados devido às facilidades de armazenamento e disseminação;
- Rapidez e segurança na transferência de informações;
- Melhor apresentação dos produtos;

- Utilização do potencial humano para atividades mais especializadas;
- Racionalização de recursos financeiros.

Diminuindo-se o tempo de efetivação de uma tarefa, cada funcionário passa a ser mais cobrado com relação à qualidade de seus serviços e quantidade de procedimentos, de práticas e de relatórios que foram possíveis graças à TI, aumentando assim o ritmo de trabalho e de exigências.

No quesito habilidade dos funcionários, muitas outras foram exigidas, desde como utilizar o computador até o aprendizado de novas funções.

Percebe-se também, o impacto decorrente da implantação das TI na estrutura física da biblioteca devido à evolução dos equipamentos, ao aumento do número de máquinas e às mudanças na estrutura organizacional.

Pessoas com conhecimento em informática é essencial para uma biblioteca, pois através de meios tecnológicos, eles exercerão seu papel de organizador e disseminador da informação. Por questões levantadas a cerca do futuro tecnológico é que um bom profissional deve estar preparado para prestar serviço de qualidade e eficiência ao seu cliente e assim manterá a sua existência no mercado de trabalho.

O profissional da informação passa a ter necessidade de conhecimento tecnológico e há de ter habilidades individuais e coletivas para o uso, a recuperação e a aplicação da informação, em ambientes profissionais, acadêmicos e pessoais.

O essencial é que o individuo encare bem a mudança de seu perfil profissional, desenvolvendo nos seus aspectos pessoais, sociais e políticos. Desta maneira o profissional sente as conseqüências da mudança, deixando de ser alienado buscando uma nova identidade profissional, cujos valores éticos não possam ser esquecidos. Somente por meio dessa revisão de conceitos, é que o indivíduo consegue enxergar suas ideias e consegue moldá-la, alterá-la e reconstruí-la.

Além disso, há na internet uma infinidade de bibliotecas virtuais onde o acesso a livros, a revistas, a filmes, a jornais e a periódicos são permitidos. As universidades, as fundações, as ONGs e várias institui-

ções vinculadas ao ensino e à pesquisa disponibilizam material, além de admitir o acesso ao conhecimento humano por meio da rede mundial de computadores. O acesso acontece por intermédio do sítio da instituição que normalmente se oferece uma página específica para esse tipo de acesso. Esse tipo de ambiente pode ser usado nas bibliotecas para estimular os usuários a encontrarem dados e informações consideráveis sobre problemas variados, proporcionando assim a experiência da pesquisa e de acesso a conhecimentos produzidos pelas sociedades e pelas instituições variadas dentro de um tema proposto ou de interesse do usuário.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade atual, não é mais possível negar que as novas tecnologias estão presentes nas experiências diárias dos indivíduos e a biblioteca não pode ficar a margem dessas vivências dos usuários. Existem sistemas informacionais que ainda estão obsoletos, e é necessário universalizar o acesso e o uso dos meios eletrônicos de informação para gerar um trabalho com a informação mais eficiente, em todos os níveis.

Hoje, o aprendizado é diferente das gerações anteriores e a reforma na forma de disseminação de informações acarretou em mudanças para a forma de adquiri-la. Por outro lado, são muitas as mudanças e as transformações que ocorreram nas últimas décadas na sociedade brasileira e estas estão se refletindo na biblioteca, onde os bibliotecários não podem mais ficar indiferentes a essas mudanças, redirecionamentos e reconstruções.

É possível afirmar que as Tecnologias de Informação estão transformando inúmeros aspectos da vida cotidiana e, assim, interferindo nas tradicionais formas de trabalho e de gestão, interferência essa que acabada influenciando de forma positiva o trabalho. Assim sendo, a Tecnologia de Informação não é apenas um sinônimo de modernidade, é, acima de tudo, uma necessidade dos novos tempos, afinal, a informação sempre existiu, mas não de maneira tão volumosa e aproveitável.

## ABSTRACT

Changes arising in the management of libraries due to factors such as globalization and information technology. Examines the scope of globalization and information technology in libraries and in their management. Discusses some concepts of globalization in the view of some theorists. Talks about the information and as well as show some definitions, cites as a fundamental item in the social context. Reflects about the technology, bringing a brief history. Establishes the link between new technologies and the information, stating that information technology is only one form of information processing. Provides a concise explanation of the impact of technology on the environment of the library saying the procedures adopted for the library fits the technologies. Concludes that, given the existing changes, the library and librarians can not stay aside of the situation, it is necessary to be willing to stay current in the face of social change.

Keywords: Globalization. Information. Technology. Information technologies. Libraries. Culture. Management.

## REFERÊNCIAS

- ALECRIM, Emerson. **O que é tecnologia de informação (TI)?** 2011, Disponível em: <<http://www.infowester.com/ti.php>>.
- ALENCAR, Maria da Glória Serra Pinto. **Novas tecnologias de informação e comunicação – TICS versus desigualdades sociais no Brasil: possibilidades e obstáculos para o acesso à informação.** In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2., 2009, São Luís. **Neoliberalismos e lutas sociais: perspectivas para as políticas públicas.** São Luís: UFMA, 2009. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/271/3/NOVAS%20TECNOLOGIAS%20DE%20INFORMACAO%20E%20COMUNICACAO\\_TICS.pdf](http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/271/3/NOVAS%20TECNOLOGIAS%20DE%20INFORMACAO%20E%20COMUNICACAO_TICS.pdf)>.
- BRIGNOL, Sandra Mara Silva. **Novas tecnologias de informação e comunicação nas relações de aprendizagem da estatística no ensino médio.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Estatística). Faculdade Jorge Amado, Salvador, 2004. Disponível em: <<http://www.redeabe.org.br/Monografia.pdf>>.
- BULIK, Linda. **O paradigma da informação na era da globalização.** *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 5, nov. 1996.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Carreira e competência: gerenciando o seu maior capital.** São Paulo: Saraiva, 2002.

CORRÊA, CybthiaHarumy Watanabe. **Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede.** 2004. *Universiabrasil.net*. Disponível em: <[http://www.universiabrasil.net/materia\\_imp.jsp?id=4391](http://www.universiabrasil.net/materia_imp.jsp?id=4391)>.

FERREIRA, Mary. **Informação e desigualdade social: desafios para pensar o Estado democrático a partir das bibliotecas públicas maranhenses.** [São Luís, 200?]

FERREIRA, Rubens da Silva. **A sociedade da informação no Brasil: um ensaio sobre os desafios do Estado.** *Ciência da informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 36-41, abr. 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

PONTES JUNIOR, João de. **Função gerencial em organizações informacionais.** In: BERAQUET, Vera Silvia Marão; CIOL, Renata (Org.). **O profissional da informação na gestão: uma coletânea.** Campinas, SP: Akademika, 2010.

RIBEIRO NETO, Luiz Gonzaga. **Os impactos da tecnologia de informação nas organizações: uma visão política.** *Revista da Universidade Alfemas*. Belo Horizonte, Alfenas, 1999.

ROMANI, Claudia; BORSZCZ, Iraci (Org.). **Unidades de informação: conceitos e competências.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

SANCHO, Juana Maria. **Para uma tecnologia educacional.** Tradução Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL. **Referenciais para a Educação Profissional: utilização de recursos tecnológicos.** Rio de Janeiro, Senac, 2001.

## A LEITURA E A LITERATURA INFANTIL: um olhar para a acessibilidade por meio do braille

Lílian Gatinho Santos<sup>1</sup>

Mônia Lorena do Nascimento da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Literatura infantil na formação do leitor crítico e literatura em braille como meio de inclusão. Tem como tema principal a literatura infantil no contexto das crianças cegas e das sem deficiência visual. Objetiva discorrer sobre a leitura e a literatura infantil, com enfoque no braille. Fala a respeito do primeiro contato da criança com o livro, dizendo que essa relação pode se dar muito antes do adulto perceber. Afirma que a leitura deve ser uma fonte de prazer, e não uma ação forçada, e para tanto é necessário que seja estimulada. Destaca a importância do conhecimento a respeito da faixa etária do leitor. Apresenta um quadro onde é mostrado os estágios de desenvolvimento da leitura de acordo com a faixa etária e a escolaridade da criança. Indica a literatura infantil como ajudante na construção do leitor crítico. Refere-se a seis ações básicas para que os pais estimulem o caráter de leitor crítico nos seus filhos. Discorre a respeito do deficiente visual, dizendo que a deficiência se apresenta de duas maneiras - a baixa visão e a cegueira - e descrevendo cada uma delas. Reflete a respeito do braille para pessoas com deficiência, afirmando que nem todos os deficientes visuais o utilizam. Assegura que o braille é uma alternativa de acesso à educação e cidadania para os cegos. Define braille como o sistema de escrita e leitura para pessoas cegas mais adotado do mundo. Dá a fundamentação do Sistema Braille. Comenta sobre a literatura infantil em braille. Compara a literatura infantil utilizando duas vertentes: a criança cega e a criança com visão. Finaliza citando algumas instituições brasileiras responsáveis por impressões de livros em braille.

Palavras-chave: Literatura infantil. Formação do leitor crítico. Braille. Acessibilidade. Educação. Cidadania. Literatura infantil em braille.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Email: [lilian\\_gatinho@hotmail.com](mailto:lilian_gatinho@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Email: [monialorena@hotmail.com](mailto:monialorena@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Na vida diária deparamo-nos com os caminhos da leitura determinados por situações de necessidade, encanto, obrigação, divertimento ou para passar o tempo. Diante disso, podemos afirmar que a leitura é essencial para construção de conhecimentos e para o desenvolvimento intelectual e ético do ser humano.

Entendemos que o amor pelos livros e o apreço pela leitura não é coisa que apareça de repente. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles lhe podem oferecer. Cada livro pode trazer uma ideia nova, ajudar a fazer descobertas importantes e ampliar o horizonte da criança que, enquanto sujeitos formadores dos seus saberes, devem estar em constante contato com o mundo das letras.

Ouvir e ler histórias possibilita que embarquemos em um mundo encantador, cheio ou não de mistérios e surpresas, mas sempre muito interessante, curioso, que diverte e ensina. É na relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária que incluímos uma das possibilidades de formarmos o leitor. É na exploração da fantasia e da imaginação que se provoca a criatividade e se fortalece a interação entre texto e leitor. E com os livros em braille e crianças com deficiência visual não é diferente.

Embora existam algumas dificuldades na leitura para os cegos, o Sistema Braille tem apostado no rompimento dessas barreiras físicas. O braille dá a eles maior liberdade, tendo em vista que a sociedade anda rumo à pontos de acessibilidade, constituindo-se assim como uma alternativa de acesso à educação e cidadania adotada pelos cegos, inclusive como entretenimento, sendo fundamental que a criança cega tenha acesso a literatura infantil propiciado pela escrita e leitura em braille.

Buscamos neste artigo criar um ponto de relação entre a literatura infantil, que cumpre papel muito importante no desenvolvimento das crianças, como o Sistema Braille que surgiu para propiciar que crianças destituídas de visão, possam também ter acesso aos benefícios que a literatura infantil pode favorecer, porque eles também merecem usufruir das mesmas ferramentas de desenvolvimento educacional que as crianças videntes.

Nosso escopo é analisar brevemente a questão da literatura infantil, além de abranger a questão dos livros em braille, levando em consideração o fato de que, em nosso ponto de vista, é um assunto estudado recentemente, com isso, não possuindo ainda muita literatura a respeito. Para tanto, utilizamos como metodologia a revisão bibliográfica onde, por meio dela, fizemos uma breve explanação a respeito dos assuntos tratados, focando importância da leitura para a construção do leitor crítico e, em seguida, adentramos no universo dos cegos e dos livros em braille.

## 2 LITERATURA INFANTIL: breves comentários

O contato da criança com o livro pode dar-se muito antes do que os adultos imaginam. Muitos acreditam que só porque a criança não sabe ler não se interessará por livros e por isso não precisa ter contato com eles. As crianças bem pequenas se interessam pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde darão significado a elas, as identificando e nomeando. É importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, de forma que tenha um contato mais íntimo com o objeto do seu interesse. Diante disso, ela começará a gostar dos livros, percebendo que fazem parte de um mundo fascinante, onde a fantasia se apresenta por meio de palavras e desenhos.

A literatura voltada para crianças tem sua importância no âmbito educacional e social, entretanto, diversas vezes é vista como uma literatura de menor valor, talvez pela origem ou pela associação frequente com os textos relacionados a área de pedagogia.

O livro infantil só será respeitado como literatura de fato diante a aprovação natural da criança. Portanto, o livro necessita atender as necessidades da criança de povoar a imaginação, instigar a curiosidade, divertir e por último, sem obrigações, educar e instruir.

Determinados escritores escrevem para criança e proporcionam uma linguagem simplista ao extremo, considerando-a como ser menor, apresentam textos de menor qualidade e que não adicionam significação ao leitor, subestimando, dessa forma, a capacidade intelectual da criança. Ou, em outros casos, não incomuns, escritores tentam

incutir o tom moralizador para marcar sua obra. Contrariando assim, a vontade de agradar o gosto e satisfazer o apetite intelectual infantil, causando, no entanto, o desprezo da criança pela obra.

A literatura infantil requer uma linguagem de fácil compreensão, bem cuidada e agradável, para que não se torne um texto insignificante. Sosa (1978, p. 39) afirma que "Quanto mais depurada a expressão, quanto mais simples e bela a entonação da linguagem, mais a criança apreciará a leitura, para qual se sentirá mais atraída."

A leitura deve ser um hábito e deve ser também fonte de prazer, nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do adulto. Deve começar a ser sugerida ao indivíduo o mais cedo possível. "Os hábitos se formam cedo, muito cedo. E o exame do contexto familiar comum mostra que é muito difícil a formação do hábito de ler." (SANDRONI; MACHADO, 1998, p. 10).

Para facilitar o gosto pela leitura, é necessário que os familiares estejam atentos as preferências da criança, esse assunto será abordado no tópico a seguir.

## 2.1 Fases de desenvolvimento da leitura na criança

A primeira relação da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa lhe conta os mais diversos tipos de histórias. A preferida, geralmente, nesta fase, é a história da sua vida, onde ouve como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família. À proporção que cresce, já é capaz de optar pela história que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos mais extensas, mais detalhadas. A criança começa a interagir com as histórias, acrescenta detalhes, personagens ou lembra-se de fatos que passaram despercebidos pelo contador.

Faz-se importante destacar que é necessário respeitar a faixa etária do leitor, propondo assim, temas adequados a suas idades e interesses. Sabemos que os interesses pelas leituras vão se modificando conforme o desenvolvimento do leitor e suas novas experiências, tanto de leitura quanto de acontecimentos no cotidiano.

O quadro abaixo, elaborado por Sandroni e Machado (1998, p. 28) mostra os estágios de desenvolvimento da leitura de acordo com a faixa etária e escolaridade da criança.

O LEITOR		
Faixa etária	Escolaridade pretendida	Estágios de desenvolvimento de leitura
0 a 3 anos		Não-leitura: grande apoio na imagem
3 a 6 anos	Pré-escolar	Pré-leitura: desenvolvimento da linguagem oral, percepção e estabelecimento de relações entre imagens e palavras.
6 a 8 anos	1.ª e 2.ª séries	Alfabetização: leitura silábica e de palavras, com dificuldade ainda de associação do que é lido com o pensamento completo a que o texto remete; a ilustração facilita a compreensão.
8 a 10 anos	3.ª a 4.ª séries	Iniciação: leitura sintática, com a capacidade de ler e compreender porções completas de textos curtos e de leitura fácil, com eventual apoio na ilustração.
10 a 12 anos	5.ª e 6.ª série	Desenvolvimento: passagem gradual da leitura sintática para a leitura crítica, com maior extensão e complexidade dos textos no que se refere a idéia, estrutura e linguagem (inclusive visual).
12 a 14 anos	7.ª e 8.ª séries	Leitura crítica: capacidade de assimilar idéias e reelaborá-las a partir da própria experiência, em confronto com o material de leitura.
Acima de 14 anos		Leitura crítica e independente; aproximação, cada vez maior, com a literatura adulta.

Fonte: SANDRONI; MACHADO, 1998, p. 28

## 2.2 Importância da leitura infantil na construção do leitor crítico

É de fundamental relevância para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, escutá-las faz com que o processo de aprendizagem seja iniciado. Por isso, as crianças iniciam seu caminho como ser leitor ainda nos braços dos pais, ouvindo o que é contado por eles.

Como sabemos, a literatura infantil tem suma importância nessa faixa etária, porque é por meio dela que a imaginação da criança é despertada. Este tipo de leitura faz com que a criança conheça novos cenários, desperte gosto pela leitura, explore a oralidade, enriqueça o vocabulário, estimule a criatividade etc.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, (BRASIL, 1997), a prática de leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e continuamente a formação de escritores, isto é, a produção de textos eficazes com origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade.

Como não se trata de uma ação espontânea e sim, pelo contrário, de um hábito a ser gradualmente alcançado, é preciso que se dê desde o início ao principiante da leitura o objeto a ser lido, no caso livros, revistas ou jornais, respeitando seu grau de aprendizado. Surge aí a necessidade de divisão de faixas de interesse, mais conhecido como faixas etárias, ou seja, uma indicação para as diferentes etapas da devagar caminhada até o pleno conhecimento da leitura.

Este é o momento em que, de acordo com seu próprio nível de experiência e habilidades, a “[...] criança poderá ser capaz de assimilar, compreender e interpretar o que lê, com independência: sendo um leitor crítico.” (SANDRONI; MACHADO, 1998, p. 21).

Baseado na obra de Sandroni e Machado (1998), podemos citar seis ações básicas para que os pais estimulem esse caráter de leitor crítico no seus filhos:

- a) **Contar histórias para seu filho:** todos sabem e tem histórias para contar;
- b) **Ler livros, jornais e revistas:** quando o filho vê os pais com um determinado objeto, aprende instintivamente a valorizar aquele objeto;
- c) **Ler livros para seu filho:** crianças gostam de ouvir histórias lidas pelos pais, é importante que os pais comentem o livro com seu filho, além de ouvirem o que ele acha da história, dos personagens etc.;

- d) **Comprar livros para ele:** é fundamental que o pai observe o que mais chama atenção do filho, o livro que eles ficam examinando mais tempo, a revista que lhe pedem pra comprar e reservem um pouco do seu orçamento para agradar o filho;
- e) **Conversar com os professores:** o contato dos pais com os professores do filho é sempre relevante, fazendo assim com que os pais saibam como é seu filho fora de casa, dificuldades e progressos existentes;
- f) **Ler o livro que seu filho trouxe da escola:** comente e descubra coisas junto com ele;

O bom leitor é aquele que entrelaçado numa afinidade de interação com a obra literária, encontra significado quando lê, busca entender o texto e relaciona com o mundo à sua volta, estabelecendo e elaborando novos significados do que foi lido, e o papel dos pais é imprescindível para que esse despertar da criança aconteça.

A prática adequada ao conhecimento é aquela que conduz o leitor a realizar o saber e a assimilar em suas práticas sociais, assimilando o conhecimento para uso próprio.

### 3 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL E O BRAILLE

A deficiência visual apresenta-se de duas maneiras: a baixa visão e a cegueira. As pessoas com baixa visão são aquelas que captam projeção de luz e cuja visão é tão limitada que interfere diretamente na sua vida. Já as pessoas cegas são aquelas que não indicam nem ao menos projeção de luz, encontrando-se num quadro de ausência total de visão. Para a criança, aqui pensada em seu papel de aluno, possa “[...] desenvolver suas atividades pedagógicas [ela] precisa de auxílios ópticos como lupas, óculos, lentes, textos com letras ampliadas para ler e escrever.” (FIGUEIRÊDO; OLIVEIRA; ROCHA, p. 2).

As pessoas cegas que apresentam a falta de um dos sentidos mais importantes que é a visão acabam tendo seus outros sentidos sobremaneira apurados. Segundo Defendi (2011, p. 14) “[...] 85% das informações que captamos do ambiente nos chegam pela visão e é com ela que obtemos essas informações em um tempo extremamente curto e rápido.” Nesse sentido, o tato é para os cegos uma ponte entre eles e o mundo, pois, para estas pessoas foi criado um meio de comunica-

ção que é a escrita em braille. Geralmente as pessoas com deficiência visual, que neste caso, trataremos exclusivamente das acometidas pela cegueira, acabam por sofrer “certas” limitações em seu convívio com a sociedade e, dependendo de seu nível de instrução ou mesmo de seus responsáveis, a procura pela educação em braille muitas vezes não se torna realidade e isso pode ou não acarretar complicações.

De acordo com Defendi (2011) nem todas as pessoas com deficiência visual utilizam o braille, seja por que perderam a visão na fase adulta, porque não foram formalmente alfabetizadas ou por apresentarem dificuldade em sua aprendizagem. Ele ainda reintera que “[...] do universo das pessoas com deficiência visual, em torno de 10 a 15% são pessoas cegas e nem todas [...] fazem uso do Sistema Braille.”

Infelizmente uma minoria das pessoas com deficiência visual que necessitam de aprendizagem e buscam esse sistema, não tem acesso a ele. O que nos faz deparar com as questões relacionadas ao processo de inclusão das pessoas com necessidades especiais pois, o braille dá a elas maior liberdade, já que a sociedade caminha rumo à questões de acessibilidade. A partir disso, direitos básicos como educação, cultura, cidadania, emprego, etc., podem tornar-se mais reais, além de fornecer entretenimento e lazer.

Frisa-se que assim como o braille configura-se em uma alternativa de acesso à educação e cidadania pelos cegos, também há recursos como os livros falados e a informática, porém, como afirma “[...] Os livros falados e a informática não podem substituir o braille no desenvolvimento cultural do cego, pois não refletem a ortografia e nem a pontuação [...]” (LEIRIA, 2002, p. 2).

Segundo Figueirêdo, Oliveira e Rocha, (2010, p. 3)

O cego, como qualquer outra pessoa não deficiente, precisa ler para aprender a escrever, pois não tem como conhecer a língua escrita sem fazer uso dela e sem conhecer a diversidade de seu léxico. É pela produção escrita que possibilitamos à nossa imaginação e nossas possibilidades mentais de atingirem criações mais elaboradas.

Ou seja, o a leitura e escrita braille representa para o cego, uma alternativa de aprendizagem, então, é recomendável que conheçamos um pouco mais sobre o braille.

### 3.1 O Sistema Braille

De acordo com Defendi (2011, p. 20) “O Sistema Braille foi criado em 1825 pelo francês Louis Braille e é o sistema de escrita e leitura para pessoas cegas mais adotado em todo o mundo.”

No Brasil, o Sistema Braille foi adotado em 1864, no Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atualmente Instituto Benjamin Constant, primeira instituição na América Latina a utilizá-lo. Isso se deu graças ao empenho de José Alvares de Azevedo, um jovem cego brasileiro, que aprendera o braille na França (FIGUEIRÊDO; OLIVEIRA; ROCHA, 2010).

O Sistema Braille é fundamentado por um sinal constituído por seis pontos, organizados em duas colunas de três pontos. O espaço que eles ocupam denomina-se cela ou célula braille e, a junção desses seis pontos possibilita formar 63 (sessenta e três) sinais que podem representar diferentes alfabetos, símbolos fonéticos, matemáticos, informáticos, químicos e musicográficos. Além disso, esse sistema pode ainda representar gráficos, tabelas, diagramas, figuras geométricas e ilustrações variadas, o que auxilia grandemente no desenvolvimento de pessoas cegas (DEFENDI, 2011).

O aprendizado do Sistema Braille pode acontecer em qualquer idade, porém, para as crianças cegas, a iniciação educacional com a parceria do Sistema Braille favorece para que elas tenham alcance à uma ortografia correta e também às representações simbólicas. Acreditando nessa prerrogativa, relacionaremos o acesso da criança cega com a literatura infantil propiciado pela escrita e leitura em braille.

## 4 LITERATURA INFANTIL EM BRAILLE

Como podemos perceber no decorrer da abordagem sobre a literatura infantil, a imaginação e a ludicidade da criança são fatores facilitados e resultantes desse tipo de literatura. A criança “vidente”, ou seja, aquela que tem a visão normal e consegue praticar a leitura tradicional, tem sua imaginação aguçada por meio dos convidativos e coloridos livros infantis. Deste modo, corre-se o risco de afirmar que todo o contexto que cerca os livros de literatura infantil (ludicidade, encanto, magia, descoberta, fantasia, etc.) favorece para que o imaginário da criança seja instigado a desenvolver-se com mais facilidade,

isso se comparado com o desenvolvimento do imaginário de uma criança cega, que requer de outros artifícios para que o mesmo ocorra.

A literatura infantil apresenta-se no mundo da criança como uma ferramenta auxiliadora do seu desenvolvimento crítico e reflexivo diante do mundo. Por meio dela, a criança faz sua própria leitura de mundo, formula ideias a respeito do que faz parte do seu mundo, e as crianças com deficiência visual têm a mesma capacidade que as demais na construção de seu ser reflexivo.

Segundo Knebel, Santos e Teodoro, (2013, p. 3),

A infância é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação mediante a função liberatória da palavra. A leitura tem um papel decisivo na formação intelectual do sujeito, proporcionando a participação, imaginação, criatividade, motivação, percepção, atenção, coordenação motora, fantasia, equilíbrio corporal, linguagem, interpretação, desenhos, atividades lúdicas entre outras.

Diante deste contexto, o Sistema Braille possibilitou o desenvolvimento de livros de literatura infantil, bem como de outras linhas de literatura para crianças cegas, como contextualiza Defendi (2011, p. 20) ao colocar que “[...] utiliza-se esse sistema para produzir livros de literatura, livros didáticos, de nível fundamental e médio, de todas as disciplinas, incluindo aquelas de alta complexidade, como matemática, química, física, partituras musicais, atlas, livros infantis ilustrados, entre outros.”

Knebel, Santos e Teodoro, (2013, p. 5) fazem uma colocação muito sensível ao pontuarem que “A leitura e a escrita surge para o cego como as janelas da alma, abrindo as portas para um mundo de imaginação e de criação onde tudo é possível.”

Vale a pena ressaltar que o Sistema Braille não é de fácil aprendizagem. Segundo Oliveira, Biz e Freire, (2003, p. 6)

Ler Braille requer um procedimento muito sistemático para perceber todos os detalhes da cela Braille. Esse procedimento frequentemente utiliza a progressão da esquerda para direita, atenção para não pular linhas, reconhecimento geral dos símbolos Braille com a mão direita, e discriminação cuidadosa dos símbolos com a mão esquerda.

Corroborando com essa ideia, Griffin e Gerber (1996 apud OLIVEIRA Oliveira, Biz e Freire, 2003, p. 5-6) reiteram que

[...] para aprender Braille, as crianças cegas precisam guardar na memória várias configurações dos pontos da cela Braille. Não há padrões fáceis de palavras que elas possam lembrar. Mais adiante, as crianças cegas frequentemente usam o Braille com um grande número de contrações.

Claro que qualquer tipo de aprendizagem requer tempo e esforço e, principalmente, de quem precisa se adaptar com esse tipo de sistema. Entretanto, essa modalidade tátil tende a desenvolver-se gradualmente e para isso, a ajuda de educadores e pais é indispensável e importantíssima.

Uma característica especial da maioria dos livros infantis em braille são as ilustrações táteis. Esse recurso é recente e visa preencher uma lacuna nas produções literárias e principalmente, contribuir para a percepção de formas pela criança cega, no que se refere à formação de imagens mentais. Cardeal (2009, p. 1) relata que

É quase impossível, hoje, imaginarmos um livro feito para crianças que não contenha ilustrações. Inerente ao universo da literatura infantil, a imagem se espalha, conversa, reverencia o texto, ou até mesmo prescinde dele, tomando para si a função narrativa, subvertendo os papéis. Pode-se dizer que a ilustração cria um novo texto, abrindo a possibilidade para uma terceira leitura, dinamizando as relações entre palavra, imagem e a imaginação do leitor [...].

Contudo, essa questão permeia alguns questionamentos no que se refere à dificuldade de percepção e visualização dos desejos pontilhados pela criança cega, sobre o tipo de cegueira e sua interferência nessa percepção, dentre outros, os quais não serão aprofundados neste trabalho.

No quesito impressão de livros em braille, o Instituto Benjamin Constant é pioneiro no Brasil. Produz impressos, livros didáticos e técnicos, suprimindo diversas escolas e entidades de todo o país. Sua prioridade atual é adaptar, transcrever e imprimir livros didáticos e infantis, assim como documentos de interesse público, como editais e provas das quais os deficientes visuais participam, por exemplo INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. O IBC<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Instituto Benjamin Constant

já adaptou ao Sistema Braille grandes clássicos da literatura infantil como, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, *As aventuras de Pinóquio*, *O Mágico de Oz*, entre outros. Maiores informações sobre a história do IBC e das atividades que realiza podem ser encontradas em seu site<sup>4</sup>.

Outra instituição de grande destaque no cenário da imprensa em braille é a Fundação Dorina Nowill para Cegos que, em 1950 iniciava suas atividades de impressão de títulos em braille. Sua missão é facilitar a inclusão social de pessoas com deficiência visual, respeitando suas necessidades individuais e sociais, por meio de produtos e serviços especializados. Há mais de seis décadas, a Fundação Dorina Nowill para Cegos realiza o trabalho de inclusão social das pessoas com deficiência visual, por meio da produção e distribuição gratuita de livros braille, falados e digitais acessíveis. Isso de forma direta para pessoas com deficiência visual e para mais de 1.400 escolas, bibliotecas e organizações de todo o Brasil. A Fundação Dorina Nowill para Cegos possui uma das maiores imprensas braille do mundo em capacidade produtiva, sendo referência mundial em qualidade. Milhares de páginas de livros são produzidas anualmente. Com a produção e distribuição de livros em braille a Fundação proporciona oportunidade de formação educacional, cultural, profissional e atividades de lazer e, principalmente acesso à independência pessoal (FUNDAÇÃO DORINA VOWILL PARA CEGOS).[200?]

A Fundação Dorina Nowill para Cegos disponibiliza em seu site<sup>5</sup>, um catálogo de livros braille de praticamente todas as áreas do conhecimento. Os livros de literatura infantil e infanto-juvenil estão inseridos neste universo, sendo possível a escolha entre literatura brasileira e estrangeira. Em seu site também é possível realizar a solicitação livros gratuitos, por meio dos contatos<sup>6</sup>.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente questões relacionadas à acessibilidade de pessoas com algum tipo de deficiência estão em alta. Finalmente a sociedade despertou para a inclusão daqueles que possuem privação de alguma função que os impede de realizar suas atividades cotidianas como

<sup>4</sup> [www.ibr.gov.br](http://www.ibr.gov.br)

<sup>5</sup> [www.fundacaodorina.org.br](http://www.fundacaodorina.org.br)

<sup>6</sup> [biblioteca@fundacaodorina.org.br](mailto:biblioteca@fundacaodorina.org.br) ou pelo telefone (11) 5087 0991.

uma pessoa considerada normal. Nossa abordagem relacionando literatura infantil com o braille, que é uma das principais ferramentas que os cegos utilizam para ter acesso à educação, cidadania e lazer, se mostrou instigadora e emocionante durante o desenvolvimento deste trabalho, por se tratar de uma perspectiva diferente de enxergar os benefícios da literatura infantil para crianças, e não somente crianças, mas crianças especiais, que merecem um cuidado e uma atenção diferenciada tanto pela deficiência que possuem como também pelas lutas que enfrentam para inserirem-se igualitariamente na sociedade.

Instituições como o Instituto Benjamin Constant e a Fundação Dorina Nowill para Cegos, que mencionamos ao tratar da literatura infantil, são dignas do nosso respeito por desempenharem um trabalho louvável e que muitas vezes não têm a divulgação que merecem nos meios de comunicação em massa. São instituições que se preocupam em favorecer aos cegos, o mínimo de cidadania por meio de acesso à educação inclusiva e tratamentos de saúde.

Importante frisar que a sociedade e as editoras precisam permitir abrir-se para esse público que cada vez mais busca e luta por seus direitos. Contudo, consideramos que toda abordagem a respeito de acessibilidade é válida, pois contribui para o melhoramento desse campo e, conseqüentemente, da vida de quem lhe diz respeito, no nosso caso, as crianças cegas.

## ABSTRACT

Children's literature in the formation of the critical reader and Braille literature as a means of inclusion. Its main theme children's literature in the context of blind children and sighted. Speaks about the child's first contact with the book, saying that this relationship can occur long before the adults realize. Says that reading should be a source of pleasure, not a forced action, and so it needs to be stimulated. Highlights the importance of knowledge about the age of the reader. Presents a picture which is shown the stages of reading development in accordance with the age and education of the child. Indicates children's literature as a helper in building the critical reader. Refers to six key actions for parents to encourage critical reader the character of their children. It talks about the visually impaired, saying that disability is presented in two ways - low vision and blindness - and describing each one. Reflects on braille for people with disabilities, stating that not all visually impaired people use it. Ensures that braille is an alternative access to education and citizenship for the blind. Defines how the system of braille reading and writing for blind pe-

ople adopted the world over. Gives the rationale of the Braille System. Comments on children's literature in braille. Compares children's literature using two strands: the child blind and sighted child. Ends up quoting some Brazilian institutions responsible for printing books in Braille.

Keywords: Children's literature. Formation of the critical reader. Braille. Accessibility. Education. Citizenship. Children's literature in braille.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEE, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

CARDEAL, Márcia. Imagem e invisibilidade: a leitura tátil de ilustrações em relevo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 18, 2009, Salvador. **Anais...** Santa Catarina: UDESC, 2009. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/marcia\\_cardeal.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/marcia_cardeal.pdf)>. Acesso: 09 nov. 2013.

DEFENDI, Edson Luiz. **O livro, a leitura e a pessoa com deficiência visual**. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2011.

FIGUEIRÊDO, Ivoneide Gomes; OLIVEIRA, Patricia Ribeiro; ROCHA, José Archanjo Dias. O desafio da aquisição da leitura e escrita pelo aluno com deficiência visual. In: ENCONTRO DIALÓGICO TRANSDISCIPLINAR, 1, 2010, Vitória da Conquista. **Anais...** Vitória da Conquista: UESB, 2010. Disponível em: <<http://www.uesb.br/recom/anais/artigos/02/O%20DESAFIO%20DA%20AQUISI%20C%20%87%20C%20%83O%20DA%20LEITURA%20E%20ESCRITA%20PELO%20ALUNO%20COM%20DEFICI%20C%20%8ANCIA%20VISUAL.PDF>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. [200?]. Disponível em: <<http://www.fundacaodorina.org.br/>>. Acesso em: 06 nov. 2013

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Disponível em: <<http://www.ibt.gov.br/>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

KNEBEL, Cassiane; SANTOS, Kelli Regina Assunção dos; TEODORO, Tiago Jose. A importância da literatura na educação infantil em um contexto da deficiência visual. **Unioeste**, Cascavel. 17. ed, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/8218>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

LEIRIA, Cristina Gislene. Uma outra história da leitura: considerações sobre ao acesso dos cegos à palavra escrita na era das mediações digitais. In: CON-

GRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 15, 2002, Slavador. **Anais...** Salvador, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, set. 2002. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002\\_anais/2002\\_NP6LEIRIA.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP6LEIRIA.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2013.

OLIVEIRA, Fátima Inês Wolf de; BIZ, Vanessa Aparecida; FREIRE, Maisa. **Processo de inclusão de alunos deficientes visuais na rede regular de ensino: confecção e utilização de recursos didáticos adaptados**. Marília: UNESP, 2003. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/Processo%20de%20inclusao%20de%20alunos%20deficientes%20visuais.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

SANDRONI, Laura Constância; MACHADO, Luiz Raul (Org.). **A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix, 1978.

## O HOMEM CONTEMPORÂNEO: uma análise das nuances literárias presentes no conto *Nunca é tarde, sempre é tarde*, de Sílvio Fiorani

Carlos Eduardo Pinto Costa<sup>1</sup>

### RESUMO

Trata-se da análise das unidades do conto pertinentes à narrativa *Nunca é tarde, sempre é tarde*, de Sílvio Fiorani, tais como as representações das personagens em seus convívios sociais; do espaço como gerador da condição de vida; do discurso que permeia as ações das personagens e do tempo (fator considerado de maior influência) que rege o desenrolar da narrativa, assim como sua simbologia. Os dados levantados são todos de ordem bibliográfica e estão colocados de forma abrangente no que se diz respeito à temática de produção contista.

Palavras-chave: Conto. Análise. Unidades do conto.

### 1 INTRODUÇÃO

Pensar no conto contemporâneo requer uma atenção especial para os dados que nele são apresentados, principalmente quando o mesmo reflete traços do cotidiano que por vezes passam despercebidos aos olhos dos leitores menos e mais assíduos.

O conto aproxima o leitor que não tem tempo, por exemplo, para apreciar um romance por conta do pouco tempo que possui.

Para a elaboração desse artigo, foi necessária uma abordagem acerca dos elementos que compõem a estética do conto e suas influências na produção da narrativa de Sílvio Fiorani.

O estudo está baseado nas teorias de Massaud Moisés sobre o processo de criação literária; de Hans Meyerhoff, sobre a influência do tempo na literatura; de Antonio Candido, sobre a relação da literatura

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras-Francês pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: monsieur\_edu@hotmail.com

com a sociedade, e dos apontamentos de Alfredo Bosi sobre o conto brasileiro contemporâneo. Os dados levantados mostram o poder que essa escrita, mais condensada em relação à novela e ao romance, exerce sobre os leitores que a apreendem. A análise está voltada para os papéis desempenhados pelas personagens, o espaço em que a narrativa é concebida, o diálogo (discurso) entre as personagens e o tempo como regente da vida cotidiana.

## 2 AS UNIDADES DO CONTO PRESENTES NA NARRATIVA DE SÍLVIO FIORANI

O estilo de narrativa denominado conto possui unidades bem específicas, e algumas delas serão abordadas nesta análise para que possam melhor identificar quais são os pormenores presentes no texto *Nunca é tarde, sempre é tarde*. Essas unidades são as bases para a análise, pois sem elas seria impossível identificar, de forma isolada, se a narrativa estudada se encaixa perfeitamente na categoria de conto. Apesar de ser uma produção muito mais condensada que o normal, o conto supracitado consegue abarcar de maneira explícita o que a sua estética propõe.

### 2.1 Breves apontamentos sobre o conto contemporâneo brasileiro

O conto é de cunho objetivo e apresenta os elementos numa rapidez bem maior que a novela e o romance. A sua própria estrutura já aponta para isso, uma vez que é uma narrativa de curta duração. Segundo Bosi (1981, p. 7),

[...] se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção. [...] o conto não só consegue abarcar a temática toda do romance, como põe em jogo os princípios de composição que regem a escrita moderna em busca do texto sintético e do convívio de tons, gêneros e significados.

O conto contemporâneo não se executa de maneira contrária a essas "regras" e tende a apresentar dados que são pertinentes à conduta do homem moderno. Nessa linha de pensamento, o conto a ser estudado mostra ao leitor como a vida desse homem moderno pode ser alvo de inúmeras contestações sobre o modo como é encarada.

### 2.2 As personagens

A análise do conto, neste artigo, inicia-se a partir das personagens. Durante o desenrolar da narrativa, verifica-se duas que estão em evidência: a primeira é a central, a protagonista, cujo nome (ou apelido) é Su; a segunda é a sua mãe que aparece como coadjuvante.

A personagem principal tem a incumbência de transpassar ao leitor a imagem do ser humano que vive uma dramaticidade bem explícita, uma vez que essa temática do drama é um dos temas que cuja aplicação cabe ao conto.

Segundo Moisés (1970, p. 112),

O conto é, de ângulo dramático, unívoco, univalente. Num parêntese, cabe dizer que sentido têm aqui, aqui, as palavras 'drama', 'dramático' e seus cognatos. Devem ser entendidos como conflito, ação conflituosa, etc. o drama nasce quando se dá o choque de duas ou mais personagens, ou de uma personagem com suas ambições e desejos contraditórios. Se tudo estivesse em plena paz e ordem entre as personagens, não haveria conflito, portanto, nem história.

Esses pontos podem ser logo observados nos trechos iniciais da narrativa: *"Conseguiu arrumar-se, mas não teve de guardar o material de maquiagem espalhado sobre a penteadeira"*. A desordem e a correria cotidianas já são anunciadas dando a dimensão da abordagem que o conto deseja explorar.

Adiante, o narrador encarrega-se de atribuir um posicionamento social a essa personagem que, mesmo num estado de conflito interior, não pode se abster do externo: *"Nem feia, nem bonita. Secretária. Sou uma secretária, pensou, procurando conscientizar-se."* As obrigações sociais são colocadas acima da condição de meros atrativos que os homens possam utilizar para exibirem-se. Isso fica mais evidente quando a personagem afirma que *"Beleza é pra fim-de-semana."* As convenções sociais estão dispostas de maneira bem objetiva.

Em relação à mãe de Su, nota-se que o autor não a dissocia dos fatores dramáticos presentes no conto. Ela precisa estar lá e ser "ativa" para que a estética contista possa ser composta em sua amplitude e, assim, criar uma unidade. Nas palavras de Moisés (1976, p. 112),

[...] todos os ingredientes do conto levam a um mesmo objetivo, convergem para o mesmo ponto. Assim a existência dum único conflito, duma única 'história', está intimamente relacionada com essa concentração de efeitos e de pormenores: o conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos. Ao contrário, exige que todos os seus componentes estejam galvanizados numa única direção e ao redor dum só drama.

É perceptível a participação dela em: "A mãe reclamou mais uma vez. Você acaba doente. Assim, não." A preocupação com o que a filha enfrenta atinge-a de forma bem nítida, pois não deseja que a filha adoça por conta da correria diária. Ainda assim, Su "poucas vezes ouvia o que a mãe lhe dizia", pois não tinha tempo para tal. Após várias vezes que "acorda" Su está dormindo e sua mãe que estava "envolvida pelos vapores da cozinha" pede-lhe que "espere só um instantinho", que ela iria ao quarto chamá-la.

Pode-se observar que as personagens possuem "ações" no conto, mas ainda assim

[...] tendem a ser estáticas: porque as surpreende no instante climático de sua existência, o contista as imobiliza no tempo, no espaço e na personalidade. Em vez crescerem diante de nós, como as personagens do romance, oferecem apenas uma faceta de seu caráter, não importa a mais importante: dêsse ângulo, o conto semelha uma tela em que se fixasse, plásticamente, o ápice de uma situação humana. (BATES, 1945 apud MOISÉS, 1976, p. 115).

O contista apresenta personagens que mostram, do início ao fim, uma mesma característica sem nenhuma alteração no seu modo de pensar e agir. Elas permanecem conforme a estética do conto permite.

Há uma terceira personagem, mas que não tem tanta relevância, pois está apenas no campo do imaginário de Su. Ela aparece no seguinte trecho: "A campanha tocou naquele exato momento. Quem haveria de ser àquela hora? A campanha era insistente. Algum dedo nervoso apertava-a sem tréguas. A campanha."

Daí em diante, analisam-se os outros fatores de grande valia na escrita de Sílvio Fiorani, tais como: o espaço, o tempo (o tempo na narrativa e o tempo como influenciador do estilo de vida que o homem moderno é obrigado a encaixar-se) e o discurso.

### 2.3 O espaço

O espaço, dentro da estética contista, é de fundamental importância para o desenvolvimento da narrativa. Não precisa ser tão amplo como no romance e na novela. Assim como os outros elementos inerentes ao conto, o espaço também apresenta características de objetividade.

De acordo com Moisés (1976, p 113),

O lugar geográfico, por onde as personagens circulam, é sempre de âmbito restrito. No geral, uma rua, uma casa, e, mesmo, um quarto de dormir ou uma sala de estar basta para que o enredo se organize. Raramente as pessoas se deslocam para outros sítios.

Tomando o espaço da narrativa para a análise, verifica-se que, pelo fato de Sílvio Fiorani habitar em São Paulo<sup>2</sup>, o que certamente influenciou a produção do conto *Nunca é tarde, sempre é tarde*, o autor consegue captar a essência que a grande metrópole exerce sobre as vidas dos seus habitantes. Toda a capital paulistana é descrita num único ambiente – a casa de Su, o seu quarto – e, na leitura, é possível observar como o desenrolar da vida é comum a muitas pessoas que tragam esse ar exaustivo e angustiante. São Paulo é uma cidade que não para, que está "acordada" 24 horas e que parece ter, também, pouco tempo para viver tudo o que pretende. "[...] A gente pode até parar um dia, se estressar e largar tudo isso aqui mas quem para São Paulo?" (GREGOLIN, 2013). A metrópole vive um estado de efervescência contínua e que tende a crescer dia após dia sem interrupção e as pessoas que nela estão acompanham esse processo. Há pessoas, como Su, que não tem, sequer, um "tempo para o café".

### 2.4 O discurso

A linguagem em *Nunca é tarde, sempre é tarde*, assim como toda a estrutura do conto, é objetiva, com o intuito de que o entendimento chegue de forma rápida ao leitor. "O conto quer-se narrado em linguagem direta, 'concreta', objetiva." (MOISÉS, 1976, p. 115).

<sup>2</sup> Sílvio Fiorani reside na cidade de São Paulo há cerca de trinta anos, mas continua ligado sentimentalmente a Vista Alegre do Alto, no interior paulista, onde nasceu em 1943. (JORNALECO, 2007)

O diálogo é necessário para mostrar a interação vivida pelas personagens. Ele mostra toda a expressividade da narrativa. Tendo isso como embasamento, verifica-se a presença do “[...] diálogo direto (ou discurso direto) quando o contista põe as personagens a falar diretamente, e representa a fala com um travessão ou aspas (há casos, no conto moderno, em que o escritor dispensa os sinais gráficos)[...]” (MOISÉS, 1976, p. 116).

Na narrativa de Fiorani, observa-se que ele utiliza da supressão dos sinais gráficos. Eis alguns trechos em que isso pode ser verificado: “Cruzou a sala e o hall em disparada, na direção da porta de saída, ao mesmo tempo em que gritava para a mãe envolvida pelos vapores da cozinha, eu como alguma coisa lá mesmo. Sempre tal alguém com alguma bolachinha disponível. Café nunca falta.”; “Louca de pressa, ia sair, avançou a mão para a maçaneta da porta e assustou-se. A campainha tocou naquele exato momento. Quem haveria de ser àquela hora?”; “Ocorreu afinal a idéia de pedir ajuda à mãe. Esta, envolvida pelos vapores da cozinha, mostrou-se compreensiva. Está bem, Su. Espere só um instantinho que eu vou lá no quarto te acordar.”

Em todos esses casos, os discursos das personagens são visíveis e o leitor pode observar as implicações particulares que estão por trás de suas falas. Algumas falas são repetidas para deixar mais evidente o posicionamento das personagens na narrativa. O “nem bonita, nem feia”, falado três vezes por Su no seu pensamento, exemplifica bem essa afirmação.

## 2.5 O tempo

É de importante valia nos contos a presença do tempo, pois o mesmo está intimamente ligado ao espaço por onde a narrativa acontece. Contrário ao tempo presente na estética romanesca e novelística, o tempo do conto é mais dinâmico, pois “[...] os acontecimentos narrados no conto podem dar-se em curto lapso de tempo: já que não se interessam o passado e o futuro, as coisas se passam em horas, dias.” (MOISÉS, 1976, p. 111). É nesse viés que o conto de Fiorani está pautado, pois retrata as horas iniciais de uma manhã qualquer.

Portanto, observa-se na narrativa que o tempo trabalhado é considerado psicológico, uma vez que retrata fatos do cotidiano que

se repetem de forma sucessiva nos sonhos de Su. Parece ser real, no início do texto, o que se passa com ela, mas, no desenrolar da história, observa-se que tudo foi narrado no campo do inconsciente. Dentro dessa perspectiva, pode-se observar que Su é a metáfora do tempo. Esse tempo, nas palavras de Meyerhoff (1976, p. 1),

[...] é particularmente significativa para o homem porque é inseparável do conceito do eu. Somos conscientes de nosso próprio crescimento orgânico e psicológico no tempo. O que chamamos eu, pessoa ou indivíduo, é experimentado e conhecido somente contra o fundo da sucessão de momentos e mudanças temporais que constituem sua biografia.

Essa influência do tempo na vida da protagonista é bem nítida, uma vez que, até em seus sonhos, ela está obedecendo às ordens que são estabelecidas. As ordens do mundo capitalista não estão presentes somente na vida da protagonista do conto, mas de todos os homens que vivem na *selva de pedra*<sup>3</sup>.

O homem contemporâneo virou, sem dúvidas, escravo da vida e, acima de tudo, do tempo. Ele já não consegue fazer todas as coisas que deseja, que almeja, que necessita, pela “falta” de tempo. Ele atua como se fosse uma máquina. É uma mera marca moderna, futurista<sup>4</sup>. Sente-se incapaz de elaborar atividades bem triviais por não ter condições mínimas de executá-las, e isso se reflete de maneira significativa na Literatura. É visível que “[...] o tempo tem desempenhado uma parte cada vez mais dominante e esmagadora na vida dos seres humanos de nossa época.” (LEWIS, 1928 apud MEYERHOFF, 1976, p. 76).

A rapidez que faz as coisas está bem disposta no seguinte trecho: “Raios. Tudo por fazer. Mesmo que acordasse em tempo, tinha sempre que correr, correr. Tinha tudo cronometrado, desde o levantar-se até o retoque do batom e o perfumezinho final.”

Não há alternativa para Su além de correr, correr sem cessar. Essa é a exigência do homem que vive numa sociedade como a observada no conto. Há muito tempo não se via o homem tão ávido como no

<sup>3</sup> Designação dada à Zona Urbana.

<sup>4</sup> Referente ao Futurismo. Uma das vanguardas europeias surgidas no início do século XX que versava sobre a quebra de paradigmas artísticos. Seu principal representante, Filippo Tommaso Marinetti (1876 - 1944), era um admirador das máquinas e da velocidade.

mundo moderno/contemporâneo. De acordo com Meyerhoff (1976, p. 92):

O sentido global do próprio tempo mudou radicalmente como resultado de fatores sociais e tecnológicos: essa mudança, por sua vez, teve forte repercussão no pensamento do homem sobre si mesmo e em sua orientação no mundo moderno.

O fator cotidiano está tão presente na vida de Su que tudo o que já havia transcorrido não passava de um sonho, mas ainda assim era necessário executar todas as atividades que o ofício lhe obrigava: "A campanha era insistente. Algum dedo nervoso apertava-a sem tréguas. Su finalmente acordou finalmente com o tilintar vibrante do Westclox e se deu conta de que sequer havia se levantado". Não tem tempo sequer de dormir adequadamente.

O conto de Fiorani traduz, de forma bem evidente, a influência desse tempo na formação psicológica e social do homem, pois ele sente-se condicionado a obedecer aquilo que o mundo tecnológico oferece.

## 2.6 Outros detalhes

Vale salientar que a narrativa não exclui, também, o momento em que a obra está inserida e a quem ele deseja expor esses pensamentos. O público, possivelmente, recebe bem o conto por se ver inserido nas linhas que explora. Observa-se, nessa perspectiva, o que afirma Candido (1976, p. 34-35):

A medida, porém, que as sociedades se diferenciam e crescem em volume demográfico, artista e público se distinguem nitidamente. Só então se pode falar em público diferenciado, no sentido moderno – embora haja sempre, em qualquer sociedade, o fenômeno básico de um segmento do grupo que participa da vida artística como elemento receptivo, que o artista tem em mente ao criar, e que decide do destino da obra, ao interessar-se por ela e nela fixar a atenção.

O que Sílvia Fiorani cria na sua narrativa leva à risca o que a arte prega desde os seus primórdios. O conto *Nunca é tarde, sempre é tarde* é um reflexo daquilo que o homem já está acostumado a encarar nos meios sociais todos os dias. A arte, em geral, tem uma missão, e dessa maneira a arte literária também se comporta. Diz Candido (1976, p. 53)

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar.

Esse é o diferencial que o conto contemporâneo apresenta, principalmente na narrativa de Sílvia Fiorani e outros tantos escritores. O homem ficcional retratado possui características semelhantes às dos homens reais, pois executam atividades que dizem respeito ao cotidiano vigente na modernidade. É por isso que o conto "[...] tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo." (BOSI, 1981, p. 8).

O homem urbano que é tratado no conto não está livre das amarras do ir e vir cotidiano, e o público que recebe e, conseqüentemente, aceita a narrativa, não está muito distante do tema proposto pela produção literária aqui analisada. O homem retratado pode ser qualquer um que tenha contato com as ditas metrópoles.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tais abordagens, conclui-se que o conto *Nunca é tarde, sempre é tarde* é mais do que uma obra literária – é um retrato, uma amostra da vida do homem cotidiano, do homem que vive em constante ebulição existencial por conta das exigências do mundo tecnológico. Não há espaço, tempo, para que o homem se desenvolva de maneira verdadeiramente humana. Ele se tornou, diante dessa demanda, uma máquina onde tudo o que desenvolve, cria e faz é de cunho repetitivo, mecanicista. Talvez a literatura possa enveredar por entre outras temáticas, mas a que é retratada nesse conto de Sílvia Fiorani ainda persistirá por muito tempo no ideário dos escritores, principalmente daqueles que estão inseridos nos grandes centros urbanos.

## RÉSUMÉ

Il s'agit les unités du conte *Nunca é tarde, sempre é tarde*, de Sílvia Fiorani, comme les représentations des personnages dans leurs rencontres sociales;

générateur de l'espace comme la condition de la vie, qui imprègne les discours actions les personnages et le temps (considéré comme le facteur le plus influent), qui régit le récit, ainsi que son symbolisme. Les données recueillies sont tout ordre bibliographique et sont placés de manière exhaustive en ce qui parle la production de conteur thématique.

Mots-clés: Le conte. L'analyse. Les unités du conte.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. **O conto brasileiro contemporâneo**. 4. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1981. p. 7-22.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FIORANI, Sílvio. **Nunca é tarde, sempre é tarde**. [S.l.]: Escritos pós-utópicos. Disponível em: <<http://pos-utopicos.blogspot.com.br/2009/10/nunca-e-tarde-sempre-e-tarde.html>>. Acesso em: 04 fev. 2013, 16:50:30.

GREGOLIN, Juliana. **São Paulo, a cidade que não para**. [S.l.]: Antix. Disponível em: <<http://www.antixfashion.com.br/blog/pausa-para-a-poesia/sao-paulo-a-cidade-que-nao-para/>>. Acesso em: 05 fev. 2013, 15:10:45.

JORNALECO: um jornal de transgressões subterrâneas. São Paulo: [S.n.], 2007. Disponível em: <<http://www.jornaleco.net/Entrevistas/S.Fiorani/silvio.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2013, 15:37:05.

MEYERHOFF, Hans. **O tempo na literatura**. Tradução Myriam Campello. Revisão Afrânio Coutinho. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

MOISÉS, Massaud. O conto. In: \_\_\_\_\_. **A criação literária**: Introdução à Proble-mática da Literatura. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1976]. Cap. 8, p. 107-134.

## PERSONAGEM SEMPRE CONTEMPORÂNEA: a persistência de Madame Satã<sup>1</sup>

Carlos Eduardo Pinto Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

Trata-se da análise da personagem Madame Satã criada por João Francisco dos Santos no início do século XX, dentro do filme *Madame Satã*, de Karim Aïnouz e da autobiografia intitulada *Memórias de Madame Satã*, escrita por Sylvio Paezzo. Essa personagem possui características de relevante importância para o estudo de figuras pertencentes à sociedade carioca no decorrer do tempo. Malandro, homossexual, negro, pobre são algumas das unidades de exploração que são apresentadas em seus meandros. A imagem toma uma proporção que permite analisá-la conforme sua formação ideológica na sociedade em que estava inserida e no decorrer do percurso histórico da civilização brasileira.

Palavras-chave: Madame Satã. Filme. Autobiografia. Personagem. Percurso histórico. Sociedade.

### 1 INTRODUÇÃO

Pensar no cinema brasileiro, sobretudo o contemporâneo, requer uma atenção especial para os dados que nele são apresentados, principalmente quando o mesmo reflete traços do cotidiano que por vezes passam despercebidos aos olhos dos leitores/espectadores menos e mais assíduos dessa manifestação artística.

O cinema aproxima o espectador pela sua capacidade de levar a ele uma informação mais direta naquilo que pretende passar. É pertinente observar que a arte fílmica explora fatores que não são, por vezes, encontrados na estética literária por exemplo. Enquanto na li-

<sup>1</sup> Artigo apresentado à disciplina Literatura e Cinema, ministrada pela Professora Doutora Naiara Sales Araujo Santos, do Curso de Letras, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, 2013.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Letras-Francês pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: monsieur\_edu@hotmail.com

teratura, o trabalho aparenta ser muito mais individualizado, o "Filme é uma arte de grupo, que implica técnicas muito difíceis, e o custo de um filme, mesmo modesto, está fora do alcance de um indivíduo isolado." (STEPHENSON; DEBRIX, 1965, p. 22), portanto, é notória a sua potencialidade em envolver vários seres no seu processo de criação.

Levando isso em consideração, a elaboração desse artigo está pautada na presença da figura da personagem "Madame Satã", dentro dos parâmetros literários a partir da autobiografia com o título de *Memórias de Madame Satã* relatada a Sylvio Paezzo por João Francisco dos Santos datada de 1972 e, em especial, dentro da produção fílmica de Karim Ainouz intitulada *Madame Satã*, de 2002.

O estudo está baseado na peculiaridade dessa personagem em ser passível de diversas análises por mostrar imagens relevantes para os elementos ditos contrários aos padrões de uma sociedade correta. As figuras do malandro, do homossexual, do negro, do pobre, do marginal, possuem uma vivacidade que pode ser percebida não só na sociedade dos primeiros decênios do século XX, mas também na sociedade atual e, quiçá, na sociedade do futuro.

## 2 BREVES APONTAMENTOS SOBRE O CINEMA CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO

É perceptível que, desde a época do surgimento do chamado Cinema Novo, a produção cinematográfica brasileira, assim como a literatura em algumas de suas manifestações literárias, tais como nos períodos que compreendem o Realismo/Naturalismo, o Pré-Modernismo e, sobretudo, no Modernismo, tem um papel bem direcionado no que concerne à exploração da vida cotidiana brasileira seja em zonas urbanas ou não. E como estaria a produção cinematográfica brasileira depois da virada do século XX para o XXI? Esse é um questionamento levantado por Hernani Heffner, curador da mostra "*Raízes do século XXI: Cinema Brasileiro Contemporâneo*", realizada no Rio de Janeiro de 14 a 30 de julho de 2006:

A esta altura do século XXI – 180 milhões de habitantes, um trabalhador no poder, uma das piores distribuições de renda do planeta, recorde de celulares vendidos, redes de informação caras e restritas, entre outros dados aleatórios – como estaria a produção cinematográfica brasileira? Ainda voltada para as constru-

ções identitárias que permearam seu passado já não tão recente, estratégia que teria encontrado seu derradeiro momento na chamada retomada dos anos 90 do século anterior? Ou preocupada com questões mercadológicas instauradas pela necessidade recente de reconquista do mercado interno e do prestígio internacional, via aperfeiçoamento técnico, renovação geracional de seus quadros e inserção em estruturas de comercialização mais amplas e complexas, passando pelos canais de televisão e pelas distribuidoras estrangeiras de filmes em operação no país?

Partindo desses questionamentos, pode-se observar que o cinema da atualidade está enveredando por essas duas vertentes. Há uma produção que ainda se preocupa com a denúncia das mazelas sociais e outra que, felizmente ou infelizmente, está se propondo apenas a tornar-se uma mercadoria.

Filmes como *Madame Satã*, dão um norteamento bem visível para esse tipo exploração uma vez que retrata uma sociedade em completa efervescência da quebra de valores outrora ditos como superiores.

O caminho pelo qual o enredo do filme percorre faz um resgate significativo do que foi a região suburbana carioca nos primeiros decênios do século XX, do que foi relatado no livro *Memórias de Madame Satã*.

## 3 "VIVENDO" EM MADAME SATÃ

Um dos recursos, sem dúvidas, de maior expressa, tanto na linguagem cinematográfica quanto na literária, é a presença da personagem.

Dentro da perspectiva literária estudada, a personagem foi criação de um homem real e, portanto, passível de um estudo mais detalhado. Na produção de Massaud Moisés denominada *A criação literária*, por exemplo, há uma descrição acerca das personagens que circundam pelo romance, pelo conto, entre outros, mas Madame Satã é uma personagem que não possui um enquadramento definido quanto à sua estética, mesmo sendo considerada uma obra de ficção.

Em relação à visão cinematográfica, Aumont e Marie (2003, p. 226), no *Dicionário teórico e crítico de cinema*, apontam uma definição para a personagem:

Distinguem-se duas da personagem de filme: 1. O ser e o fazer da personagem, ou seja, a atribuição de traços físicos, os do ator, seu traje, sua maquiagem, seus traços psicológicos e morais significados por seus atos e suas falas, seus gestos e seu comportamento. 2. A diferenciação, por contraste, complementaridade, oposição, similitude, com outros personagens (O Gordo e o Magro, Monsieur Dufour e Anatole em *Partie de campagne*, de Jean Renoir 1936; os sete anões de *Branca de Neve*, de Walt Disney 1937).

Apresenta uma maior relevância, em Satã, o que é apresentado no primeiro ponto da citação uma vez que no filme, isso é explorado de forma significativa quando todas as sensações vividas por ela são colocadas à disposição do leitor para que ele faça suas próprias intervenções no que se refere ao comportamento dessa personagem no decorrer de sua historicidade. A forma como anda, como se veste, como fala são elementos que aproximam que prendem a atenção do leitor fílmico, pois este consegue captar a imagem que ali está sendo exibida, seja numa tela de uma sala de cinema, seja numa televisão auxiliada de um aparelho de DVD ou na tela de um computador.

Por ser uma personagem que viveu no contexto de muitos que a viram em suas manifestações artísticas, a sua permanência está baseada na capacidade que a imagem fílmica tem de suscitar, conforme diz Martin (2011, p. 22) “[...] no espectador, um *sentimento de realidade* bastante forte, em certos casos, para induzir à crença na existência objetiva do que aparece na tela”. O espectador é provocado pelo que encontra na tela e a imagem disposta o transportar para a cena em que a personagem se desenvolve cultural e socialmente.

A imagem de Satã revela ao público do cinema, em partes ao público leitor da autobiografia, uma condição de opositor aos padrões da sociedade vigente na sua época e ainda mais na sociedade contemporânea, mas é necessário ressaltar que isso não era por ele de uma maneira intencional. O que João Francisco dos Santos buscava vivendo a personagem Madame Satã era apenas a pura satisfação dos prazeres encontrados nos meios menos providos de estrutura econômica, por exemplo.

Madame Satã não é somente a apresentação de um ser que se destacou em meio a tantos outros malandros, proxenetas, travestis, pederastas que dividiram o mesmo espaço que ela. Toda uma socie-

ções identitárias que permearam seu passado já não tão recente, estratégia que teria encontrado seu derradeiro momento na chamada retomada dos anos 90 do século anterior? Ou preocupada com questões mercadológicas instauradas pela necessidade recente de reconquista do mercado interno e do prestígio internacional, via aperfeiçoamento técnico, renovação geracional de seus quadros e inserção em estruturas de comercialização mais amplas e complexas, passando pelos canais de televisão e pelas distribuidoras estrangeiras de filmes em operação no país?

Partindo desses questionamentos, pode-se observar que o cinema da atualidade está enveredando por essas duas vertentes. Há uma produção que ainda se preocupa com a denúncia das mazelas sociais e outra que, felizmente ou infelizmente, está se propondo apenas a tornar-se uma mercadoria.

Filmes como *Madame Satã*, dão um norteamento bem visível para esse tipo exploração uma vez que retrata uma sociedade em completa efervescência da quebra de valores outrora ditos como superiores.

O caminho pelo qual o enredo do filme percorre faz um resgate significativo do que foi a região suburbana carioca nos primeiros décadas do século XX, do que foi relatado no livro *Memórias de Madame Satã*.

### 3 “VIVENDO” EM MADAME SATÃ

Um dos recursos, sem dúvidas, de maior expressa, tanto na linguagem cinematográfica quanto na literária, é a presença da personagem.

Dentro da perspectiva literária estudada, a personagem foi criação de um homem real e, portanto, passível de um estudo mais detalhado. Na produção de Massaud Moisés denominada *A criação literária*, por exemplo, há uma descrição acerca das personagens que circundam pelo romance, pelo conto, entre outros, mas Madame Satã é uma personagem que não possui um enquadramento definido quanto à sua estética, mesmo sendo considerada uma obra de ficção.

Em relação à visão cinematográfica, Aumont e Marie (2003, p. 226), no *Dicionário teórico e crítico de cinema*, apontam uma definição para a personagem:

Distinguem-se duas da personagem de filme: 1. O ser e o fazer da personagem, ou seja, a atribuição de traços físicos, os do ator, seu traje, sua maquiagem, seus traços psicológicos e morais significados por seus atos e suas falas, seus gestos e seu comportamento. 2. A diferenciação, por contraste, complementaridade, oposição, similitude, com outros personagens (O Gordo e o Magro, Monsieur Dufour e Anatole em *Partie de campagne*, de Jean Renoir 1936; os sete anões de *Branca de Neve*, de Walt Disney 1937).

Apresenta uma maior relevância, em Satã, o que é apresentado no primeiro ponto da citação uma vez que no filme, isso é explorado de forma significativa quando todas as sensações vividas por ela são colocadas à disposição do leitor para que ele faça suas próprias intervenções no que se refere ao comportamento dessa personagem no decorrer de sua historicidade. A forma como anda, como se veste, como fala são elementos que aproximam que prendem a atenção do leitor fílmico, pois este consegue captar a imagem que ali está sendo exibida, seja numa tela de uma sala de cinema, seja numa televisão auxiliada de um aparelho de DVD ou na tela de um computador.

Por ser uma personagem que viveu no contexto de muitos que a viram em suas manifestações artísticas, a sua permanência está baseada na capacidade que a imagem fílmica tem de suscitar, conforme diz Martin (2011, p. 22) “[...] no espectador, um *sentimento de realidade* bastante forte, em certos casos, para induzir à crença na existência objetiva do que aparece na tela”. O espectador é provocado pelo que encontra na tela e a imagem disposta o transportar para a cena em que a personagem se desenvolve cultural e socialmente.

A imagem de Satã revela ao público do cinema, em partes ao público leitor da autobiografia, uma condição de opositor aos padrões da sociedade vigente na sua época e ainda mais na sociedade contemporânea, mas é necessário ressaltar que isso não era por ele de uma maneira intencional. O que João Francisco dos Santos buscava vivendo a personagem Madame Satã era apenas a pura satisfação dos prazeres encontrados nos meios menos providos de estrutura econômica, por exemplo.

Madame Satã não é somente a apresentação de um ser que se destacou em meio a tantos outros malandros, proxenetas, travestis, pederastas que dividiram o mesmo espaço que ela. Toda uma socie-

dade corrompida está entranhada, em sua imagem, em “sua pessoa”<sup>3</sup> já que

[...] toda imagem é mais ou menos simbólica: tal homem na tela pode facilmente representar a humanidade inteira. Mas, sobretudo porque a generalização se opera na consciência do espectador, a quem as ideias são sugeridas com uma força singular e uma inequívoca precisão pelo choque das imagens entre si: é o que se chama de montagem ideológica. (MARTIN, 2011, p. 23).

Tomando essa citação como parâmetro, pode-se observar que a personagem não só é multifacetada, mas que traz consigo características de cunho ideológico que foram mostradas pelo cineasta Karim Anouz, escritas por Sylvio Paezzo a partir dos relatos de João Francisco e vividas pelo idealizador da personagem.

Essa exploração ideológica da personagem condiz com a pretensão dos artistas (escritor e cineasta) que se propuseram trabalhar com a imagem de Madame Satã tanto como pessoa quanto como artista que era.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate que as obras fazem da personagem mostram até que ponto essas artes podem se renovar nos seus percursos históricos. Elas trazem à tona uma personagem híbrida assim como a própria população brasileira, e mesmo sendo com quase cem anos de existência e faz com que ela se misture às personagens do agora.

A força de Madame Satã está justamente na sua capacidade não ser inserida num contexto específico e isso possibilitará a exploração da mesma daqui a 20, 30, 50 anos, pois a mesma possui as marcas de um cidadão marginalizado que sempre fará parte da sociedade brasileira e de qualquer outra espalhada pelo mundo.

Sabendo que literatura e cinema, artes diferentes, mas por vezes tão próximas, tem uma responsabilidade social muito grande, principalmente no que concerne à cultura brasileira, nada mais justo do que

<sup>3</sup> Durante o discurso de Madame Satã no filme, principalmente nos trechos finais, é comum a presença da expressão “a minha pessoa” para referir-se à satisfação que encontra quando realiza algo esperado. Pode-se ser observado, também, no trecho do livro quando relata a conquista de um emprego de “[...] travesti sambista no Teatro Casa de Sapê da Casa de Caboclo”. (MADAME SATÃ, 1972, p. 2, apud RODRIGUES, 2011, p. 146).

enveredar por essa personagem desvendando os seus pormenores e trazendo à tona sempre que for necessário o seu perfil tão diversificado.

Madame Satã se torna viva "em nós" porque possui características que mesmo estudadas daqui a 50 anos, serão muito mais contemporâneas.

## RÉSUMÉ

Il s'agit l'analyse du personnage Madame Satã (Mme Satan) créé par Mme. Satan João Francisco dos Santos au début du XXe siècle, dans le film *Madame Satã (Mme Satan)*, par Karim Aïnouz et une autobiographie intitulé *Mémórias de Madame Satã (Mémoires de Mme Satan)*, écrit par Sylvio Paezzo. Ce personnage a des caractéristiques très importantes pour l'étude des figures appartenant à la société Rio au fil du temps. Malin, pédéraste, noir, pauvre sont quelques-unes des unités d'exploitation qui sont présents dans ses subtilités. L'image prend une proportion qui permet d'analyser en fonction de leur formation idéologique dans la société dans laquelle il a été inséré.

Mots-clés: Madame Satan. Film. Autobiographie. Personnage. Parcours historique. Société.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MARTIN, Marcel. As características fundamentais da imagem fílmica. In: \_\_\_\_\_. **A linguagem cinematográfica**. Tradução: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011. cap. 1, p. 21-29.

RAÍZES DO SÉCULO XXI: CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO, 2006, Rio de Janeiro. **Através do espelho...** Rio de Janeiro: CCRJ, 2006. Disponível em: <<http://losolidados.com.br/?p=438>>. Acesso em: 27 jul. 2013, 15:45.

RODRIGUES, Geisa. Madame Satã desconstruindo a cena. **Terceira Margem**. Rio de Janeiro, n. 24, p. 139-160, jan./jun. 2011.

STEPHENSON, Ralph; DEBRIX, Jean. **O cinema como arte**. Tradução: Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Zarah Editores, 1969.

## PERSPECTIVAS DA DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Kleber José Costa Barros<sup>1</sup>

### RESUMO

A utilização da internet cada vez mais integrada ao cotidiano das pessoas resulta em um crescente reconhecimento de que a internet está estimulando conexões e criando novas ligações entre pessoas e organizações, como consequência as redes sociais virtuais criaram ferramentas que fornecem aos pesquisadores o acesso a grandes quantidades de dados para a análise empírica dessa formação. Essa pesquisa tem como objetivo geral analisar a disseminação da informação nas redes sociais virtuais e discutir o papel do bibliotecário na evolução tecnológica. Os primeiros relatos de serviços que possuem características de sociabilizar dados surgem no ano de 1969, com o desenvolvimento da tecnologia dial-up e o lançamento do *Compuserve* e em 1977 foi criada a primeira rede social virtual: a *Six Degrees*. As redes sociais virtuais têm um papel importante junto à distribuição da informação, estabelecendo uma velocidade muito maior na possibilidade de acesso e no uso da informação. Com a evolução tecnológica, a atuação dos bibliotecários tem mudado em virtude das demandas oriundas das tecnologias, da globalização e da valorização da inteligência e do conhecimento, mas para que aconteçam tais mudanças, tem que haver um planejamento nas bibliotecas. As tecnologias desafiam o bibliotecário no desempenho de seu trabalho e até mesmo na sua função social, além de tornarem a mediação um processo mais significativo para o acesso à informação.

Palavras-Chave: Disseminação da informação. Distribuição da informação. Redes sociais virtuais.

### 1 INTRODUÇÃO

O aumento da informação e o desenvolvimento das ferramentas tecnológicas assumem um papel significativo no desenvolvimento da sociedade. E as pessoas tem se inserido na sociedade por meio destas novas formas de relação, comunicação e organização.

<sup>1</sup> Graduando do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: kleber.telecom@gmail.com

Com isso a utilização da internet cada vez mais integrada ao cotidiano das pessoas resulta em um crescente reconhecimento de que a internet está estimulando conexões e forjando novas ligações entre pessoas e organizações.

Nos anos 1990 surge a Sociedade em rede, cujas características são: o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e o início da inclusão digital. Conforme Castells (2002) a definição de uma sociedade em rede caracteriza-se por uma sociabilidade assente numa dimensão virtual, possível e impulsionada pelas novas tecnologias, que transcende o tempo e o espaço.

Podemos dizer que a sociedade em rede revela uma vivência social diferente, aproveitando as potencialidades da comunicação que a internet oferece para compartilhar ideias, conhecimentos e informações.

Com o surgimento das redes sociais virtuais, criam-se ferramentas que fornecem aos pesquisadores o acesso a grandes quantidades de dados para a análise empírica dessa formação. Estes conjuntos de dados oferecem uma rica fonte de evidências para o estudo da estrutura das redes sociais e a dinâmica da troca de informação entre indivíduos mudando seu comportamento. Segundo Barros e Menta (2007) a tecnologia invadiu até as salas de aula, a escola é espaço de silêncio reflexivo, com isso educador e educando podem encontrar-se nas trocas, descobertas, pesquisas e implementação de ações que oportunizarão o ter voz enquanto seres-humanos-cidadãos.

A chegada de novos artefatos tecnológicos na escola, como Internet, TV digital, jornal e rádio podem assustar, mesmo porque estes não têm chegado em caixas com seus respectivos manuais inteiramente pedagógicos. Estes artefatos tornam-se presentes não apenas como fontes para aquisição de informações, mas para incorporar, produzir e disseminar descobertas e ações na busca de realizações que possam promover à aprendizagem dos alunos. (BARROS; MENTA, 2007, p. 1).

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a disseminação da informação nas redes sociais virtuais e discutir o papel do bibliotecário na evolução tecnológica.

## 2 O SURGIMENTO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Os primeiros sinais de serviços que possuem características de sociabilizar dados surgem no ano de 1969, com o desenvolvimento da tecnologia *dial-up* e o lançamento do *Compuserve*; um serviço comercial de conexão à internet em nível internacional muito propagado nos Estados Unidos, em 1971 o primeiro e-mail foi enviado, mas os computadores estavam bem próximos um do outro.

Em 1977 foi criada a primeira rede social virtual: a *Six Degrees*, permitindo que seus usuários criassem um perfil e se tornassem amigos dos demais usuários. Também em 1977, surgem os primeiros BBS (*Bulletin Board Systems*) nos EUA. Um ano depois é criado o *Geocities*, onde os usuários cria suas próprias páginas.

Em 1984 surgiu um serviço chamado *Prodigy* para desbancar o *Compuserve*, feito alcançado uma década depois, quatro anos depois foi criado o IRC (*Internet Relay Chat*) usado para o compartilhamento de arquivos, links, e manter contato com outras pessoas.

Um fato que marcou foi quando a *America Online (AOL)*, em 1985, passou a fornecer ferramentas para que as pessoas criassem perfis virtuais nos quais podiam descrever a si mesmas e criar comunidades para troca de informações e discussões sobre os mais variados assuntos. Em 1997, a empresa criou um sistema de mensagens instantâneas, o pioneiro entre os chats e a inspiração dos "messenger" que utilizamos agora.

O ano de 1994 marca a quebra de paradigmas e mostra ao mundo os primeiros traços das redes sociais com o lançamento do *Geocities*. O conceito desse serviço era fornecer recursos para que as pessoas pudessem criar suas próprias páginas na *web*, sendo categorizadas de acordo com a sua localização. Ele chegou a ter 38 milhões de usuários, foi adquirido pela *Yahoo* cinco anos depois e foi fechado em 2009.

Outros dois serviços foram anunciados em 1995; esses com características mais claras de um foco voltado para a conectividade entre pessoas. O *The Globe* dava a liberdade para que seus adeptos personalizassem as suas respectivas experiências online publicando conteúdos pessoais e interagindo com pessoas que tivessem interesses em comum.

Em 1997 é lançado o site *Six Degrees*, um dos primeiros a permitir a criação de perfis *on-line*. Dois anos depois, em 1999, surgiu o *Live Journal* uma rede social criada em cima de uma atualização constante de *blogs* e circuitos de notícias. Posteriormente vieram outras redes sociais mais populares como: o *myspace*, *orkut*, *facebook*, *twitter*, *linkedin*, entre outras.

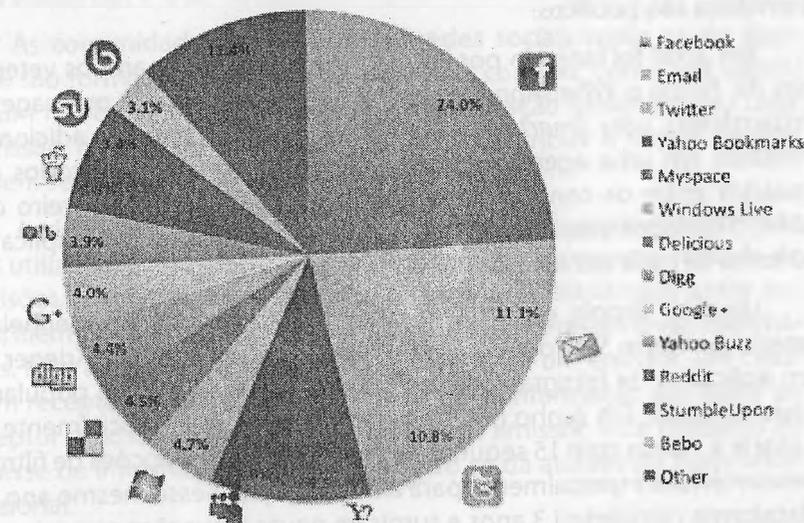
Conforme Daquino (2012) com a popularização da internet a partir dos anos 2000, as redes sociais começaram a ganhar força, sua variedade de produtos é enorme, apresentando inclusive categorias com públicos bem segmentados, logo depois surgem outros programas de mensagens instantâneas como, por exemplo, o *Yahoo Messenger*, porém nenhum durou tanto como o *MSN* da Microsoft, que encerrou suas atividades em 2012.

Em 2002 são criados o *fotolog* e o *friendster*, o primeiro produto consistia em publicações baseadas em fotografias acompanhadas de ideias, sentimentos ou o que mais viesse à cabeça do internauta; além disso, era possível seguir as publicações de conhecidos e comentá-las. Já o *friendster* foi estabelecido como uma comunidade direcionada a algumas atividades como: conectar-se com amigos e familiares, encontrar pessoas com interesses ou localização semelhantes além de aderir a grupos em interesses em comum e interagir via mensagens, jogos e aplicativos compartilhados.

O *facebook* é lançado em 2004 com o nome "*The facebook*", foi criado por Mark Zuckerberg, de apenas 20 anos, e seus colegas de quarto: Dustin Moskovitz, Chris Hughes e o brasileiro Eduardo Saverin e sua intenção era para ser usado por estudantes da universidade de Havard nos Estados Unidos.

O objetivo era a aproximação os estudantes e permitir que eles se relacionassem mais uns com os outros, compartilhando interesses e outras informações. Com a fama, a rede social chamou a atenção de investidores e se tornou mundial. As outras plataformas que faziam sucesso até então, como o *MSN* e o *orkut*, foram esquecidas, o *facebook* atendia todas as necessidades.

Figura 1: Compartilhamento das redes sociais virtuais



Fonte: adaptado de MENESES (2012).

Embora os *blogs* tenham surgido por volta do final dos anos 1990, porém no início do século XXI eles ficaram mais conhecidos, surgiram com se fosse um "diário virtual", onde os internautas comentavam de suas vidas e tratavam dos mais diversos assuntos, como: moda, estética, cinema, esporte, política dentre outros, que eram alimentados pelos blogueiros constantemente e oferecendo para seus usuários a oportunidade de interagir com eles. Um blogueiro tem que estar preparado para toda forma de opinião, seja ela uma crítica ou um elogio, tem que manter uma responsabilidade com aquilo que escreve porque é um espaço onde todos têm o direito de opinar.

Em 2006 é criada uma nova ferramenta de comunicação empresarial: os *blogs* corporativos, que tem a finalidade de ser publicado por ou com a ajuda de uma organização que queira atingir seus objetivos e metas, seus objetivos são que eles incluem o fortalecimento do relacionamento com importantes públicos alvo, são geralmente uma ferramenta que serve para a colaboração e a gestão do conhecimento.

Dessa forma visam aumentar a interação dos colaboradores e clientes com o andamento dos assuntos da empresa, essa ideia possibilita que a empresa esteja mais próxima de seus clientes e colabora-

dores, pois nesse espaço é possível expor suas opiniões, porém faz-se necessário tomar alguns cuidados e monitoramento porque os comentários são públicos.

Em 2009 foi lançado por Brian Acton e Jan Koum, ambos veteranos do Yahoo o *WhatsApp Messenger*, é um aplicativo de mensagens instantâneas para *smartphones*, os usuários não precisam adicionar contatos em uma agenda separada, o aplicativo identifica todos os usuários entre os contatos registrados no telefone. Em fevereiro de 2014, o *facebook* adquiriu a empresa; e atualmente no Brasil o aplicativo torna-se cada vez mais popular.

Um ano depois, em 2010, é criado o *instagran* pelo engenheiro americano Kevin Systrom e pelo engenheiro brasileiro Mike Krieger, é um aplicativo de fotografias que também cresce muito em popularidade no Brasil. Em Junho de 2013, o *instagram* lançou oficialmente o suporte a vídeos com 15 segundos de duração, são 13 opções de filtros desenvolvidos especialmente para a nova função, nesse mesmo ano, a plataforma completou 3 anos e surgiram novas inovações como: nova opção de edição de correção de ângulos, melhoras da ferramenta para web e anúncios no *feed* de notícias dos usuários.

### 3 DISSEMINANDO INFORMAÇÕES PELAS REDES SOCIAIS NA INTERNET

Atualmente a informação vem se tornando uma necessidade tanto para as organizações como para os indivíduos. Através do seu uso é possível alterar o *status quo* de uma determinada realidade à medida que novos conhecimentos são gerados. Segundo Maximiano (2007) a atitude proativa é representada pelas forças que desejam e impulsionam as mudanças na organização, é a atitude que processa de maneira positiva os *inputs* que vem do ambiente e de dentro da própria organização.

As redes sociais virtuais também são instrumentos utilizados para disseminar informações aos receptores, elas são utilizadas pelas pessoas por meio de tecnologias e políticas na web com fins de compartilhamento de opiniões, ideias, experiências e perspectivas.

Na rede social virtual, as pessoas são ligadas por relacionamentos das mais variadas formas por meio de laços criados ao longo do tempo

e as pessoas entram nas plataformas de redes sociais para manter relações existentes e criar novas para expandir sua rede.

As comunidades ou grupos das redes sociais como as do *facebook* são formadas em torno de interesses comuns, como um objetivo, um hobby, um estilo de vida, uma localização geográfica ou uma profissão, isto é, sentem a necessidade de contribuir e outros porque podem se beneficiar de parte de um grupo.

Assim, a informação permite que o indivíduo absorva conteúdos e os utilizem para um determinado fim, como por exemplo, tomada de decisões, resolução de problemas, definição de estratégias entre outros, além de permitir que ele próprio também gerasse novas informações. Para a informação ser realizada precisa ter um emissor, um canal e um receptor; essa percepção de uma nova informação por parte do receptor é possível graças a interação com emissor, este processo de repasse de informações entre um e outro se dá através do fluxo informacional.

Segundo Freire e Freire (2009, p. 12) a informação é um fenômeno que ocorre no campo social e pressupõe, para a sua existência, algumas condições básicas, tais como: ambiente social, agentes e canais.

O processo de distribuição da informação permite que ela alcance os mais variados tipos de usuários em diferentes contextos, fazendo que cada um trabalhe com a informação a sua maneira. Para Freire e Freire (2009, p.11):

O ambiente humano é fundamental, sem ele não seria possível a existência e atuação dos agentes de informação. Diante disso, é importante destacar que todo fenômeno de informação traz consigo uma intenção, ou propósito. O fenômeno de informação traz consigo uma intencionalidade que se manifesta mesmo quando produzimos informação de cunho estético. Neste caso, muitas vezes somente o fato de causar estranhamento no receptor já caracteriza uma intenção por parte do produtor desta informação, seja na literatura, nas artes plásticas ou quaisquer outras manifestações simbólicas do gênio humano.

Outro aspecto dessa relação entre emissor e receptor, é a possibilidade que o primeiro tem de disseminar aquilo que lhe é interessante porque a informação que percorre neste fluxo tem um valor associado às necessidades do receptor (usuário), é através deste fluxo que novos

conhecimentos serão gerados. A disseminação da informação é ação de tornar visível o conhecimento do indivíduo ou da organização.

Podemos perceber então que as redes sociais são formas de difusão da informação não dirigidas, pois quando deixamos alguma mensagem em uma dessas redes, não temos a proporção e a dimensão do alcance dela. Por conseguinte vários indivíduos estarão atuando junto à mesma informação, e essa interação através da rede promove a multiplicação da informação, assim as redes permitem que uma informação seja disseminada em um grande alcance.

Disseminação na rede mundial já é bastante comum, um exemplo disso são os blogs; que para Meneses (2012) e Tollomelli (2012), estão com os dias contados a exemplo do *mirc* e o *icq*.

Segundo Tollomelli (2012, p. 215) o *facebook* possui a possibilidade de criação de grupos fechados ou abertos, páginas com temáticas específicas, fóruns de discussão, entre outras diversas possibilidades que são, inclusive, comparadas às possibilidades dos ambientes virtuais de aprendizagem, como o *moodle*.

A disseminação da informação é ação de tornar visível o conhecimento do indivíduo ou da organização e com isso as tecnologias desafiam o bibliotecário no desempenho de seu trabalho e até mesmo na sua função social, além de tornarem a mediação um processo mais significativo para o acesso à informação.

As redes, desde o princípio, são ferramentas de conversa: um fala, outro responde e assim por diante. Mas as empresas, acostumadas a falar com públicos muito grandes, enxergaram esses serviços como uma forma de propagar informação. Espalhar, mas não se relacionar. (MARTINS, 2011, p. 107).

Com tudo isso, as redes sociais têm um papel importante junto à distribuição da informação, potencializando esse papel, a comunicação eletrônica imprime uma velocidade muito maior na possibilidade de acesso e no uso da informação, elas permitem que pessoas mesmo longe do local de partida da informação a acessem de forma rápida e a utilizem.

Além dos blogs, existe o *web* jornalismo que possuem características parecidas, já que ambos fazem atualização constante, renovação de informação e a interação com os internautas através de links e de

comentários entre eles. Porém mesmo não sendo jornalismo muitos dos *blogs* de referência são apresentadas na web excelentes informações que são comparadas a jornais na leitura diária de muitos internautas. Os blogs comparam-se também ao *web* jornalismo quando colocados lado a lado nos agregadores de *Really Simple Syndication* (RSS) os "*feeds*", e por isso os *blogs* já serviram de fontes para "*furos*" jornalísticos.

O jornalismo usa os *blogs* como fonte, já os *blogs* fazem de outra forma, com o RSS tornou-se possível que um *blog* tivesse sempre atualizadas as notícias dos jornais que tem como referência pela temática que mais interessa aos leitores do *blog*, essa técnica é também usada nas *fanpages* do facebook; que são atualizadas junto com o *twitter*.

A *web* jornal é uma rede com diversos jornais, em um único lugar para consulta virtual, é uma fonte de informação tratada, classificada e compilada. O *blog* é o local onde essa informação é comentada, citada, debatida. Os *blogs* e a *web* jornalismo funcionam como uma extensão da vida real e não como um mundo à parte completamente virtual é uma extensão da vida real de qualquer indivíduo.

#### 4 O BIBLIOTECÁRIO NA EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

A evolução tecnológica e social que está acontecendo, tem provocado diversas mudanças comportamentais, que vão desde uma simples tomada de decisão a uma resolução estrutural no ambiente de trabalho.

Nesse contexto o bibliotecário também está inserido; visto que sua atuação tem mudado em virtude das demandas oriundas das tecnologias, da globalização e da valorização da inteligência e do conhecimento. Por consequência desses acontecimentos, atitudes pró-ativas têm sido destacadas, assim como a qualificação e a adequação às constantes alterações produzidas por uma sociedade em progresso.

Essa roda-viva gerada pelas novas tecnologias na ambiência da biblioteca veio reforçar e, ao mesmo tempo, pôr em cheque o papel de mediador da informação que é próprio do profissional que nela atua e pelo qual deve favorecer o estabelecimento da interação entre a informação (ou objeto do conhecimento) e o usuário, anteriormente estabelecida só pelos meios físicos tradicionais (histórica e culturalmente). Todavia, como a informação

se digitalizou e se revestiu de uma virtualidade antes insuspeitada, esse papel de mediador, de longa data atribuído ao bibliotecário, está em educar o usuário (inclusive o usuário operacional) também para tirar o melhor proveito e obter autonomia no processo de busca da informação processada por meios eletrônicos ou disponível em rede. (YAMASHITA, CASSARES E VALENCIA, 2012, p. 166).

Tem que existir um planejamento nas bibliotecas para que os bibliotecários se adaptem ao processo que as redes sociais têm influenciado ultimamente. Conforme Maximiano (2007, p. 113) planejar é ao mesmo tempo um processo, uma habilidade e uma atitude.

Não basta apenas criar perfis nas redes sociais, é preciso monitorá-los para saber o que as pessoas comentam sobre a instituição, o que causa dúvidas, insatisfações, assim como aquilo que está sendo valorizado e disseminado para os demais porque são ferramentas de comunicação, canais de diálogo 24 horas por dia.

Para atuar nas redes sociais virtuais é preciso fazer um planejamento considerando alguns pontos, que segundo Yamashita, Cassares e Valencia (2012, p. 165) é preciso saber:

Quem são seus usuários reais e potenciais; o que se pretende divulgar nessas plataformas; de que forma será feita a alimentação dessas mídias; qual tipo de conteúdo será postado; que imagem pretende-se construir ou qual o objetivo dessa iniciativa; é preciso publicar conteúdo com regularidade (a periodicidade é definida pela própria instituição); é importante ter rapidez na resposta a dúvidas, sugestões ou comentários postados pelo público; não é possível controlar as informações publicadas pelos contatos, por isso a importância de monitorar o que se fala sobre a instituição para reduzir impactos negativos; como toda e qualquer tecnologia, mudanças acontecem a todo o momento; é preciso estar atento às alterações de interface, de funcionamento, à adição de funcionalidades, às atualizações, etc.

As tecnologias desafiam o bibliotecário no desempenho de seu trabalho e até mesmo na sua função social, além de tornarem a mediação um processo mais significativo para o acesso à informação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as redes sociais virtuais, observamos que as redes sociais ou redes de relacionamento contribuem muito para a dis-

seminação da informação, essa transmissão de dados que passa pelas redes revolucionou a disseminação da informação. Desta forma, tais redes apresentam potencial para serem mais uma ferramenta para os bibliotecários no uso e desenvolvimento de suas atribuições nas unidades de informação.

Sabemos que os primeiros sinais de serviços que possuem características de sociabilizar dados surgiram no ano de 1969, com o desenvolvimento da tecnologia dial-up e o lançamento do *Compuserve*, desde essa época a preocupação com a disseminação da informação já era notada.

As redes sociais virtuais é um canal efetivo para entrar em contato com os indivíduos e com os profissionais nas organizações a ponto de alterar o *status quo*, uma atitude proativa, de uma determinada realidade à medida que novos conhecimentos são gerados, permitindo que o indivíduo absorva conteúdos e os utilize para um determinado fim, como por exemplo, tomada de decisões, resolução de problemas, definição de estratégias entre outros, além de permitir que ele próprio também gerasse novas informações.

Com esse processo a informação é distribuída e alcança os mais variados tipos de usuários em diferentes contextos, permitindo que cada um trabalhe com a informação a sua maneira, e com essas mudanças, o bibliotecário também está inserido; visto que sua atuação tem mudado em virtude das demandas oriundas das tecnologias, da globalização e da valorização da inteligência e do conhecimento, atitudes pró-ativas têm sido destacadas, assim como a qualificação e a adequação às constantes alterações produzidas por uma sociedade em progresso.

As tecnologias desafiam o bibliotecário no desempenho de seu trabalho e até mesmo na sua função social, além de tornarem a mediação um processo mais significativo para o acesso à informação.

## ABSTRACT

The use of increasingly integrated into the daily lives of people internet results in a growing recognition that the Internet is stimulating connections and creating new connections between people and organizations, as a consequence of virtual social networks have created tools that provide researchers access to large amounts data for the empirical analysis of this formation. This

research has as main objective to analyze the spread of information in virtual social networks and discuss the role of the librarian in technological evolution. The first reports of services that have characteristics of socializing data emerge in 1969, with the development of dial-up technology and the launch of CompuServe in 1977 and the first virtual social network was created: Six Degrees. Virtual social networks have an important role with the distribution of information, establishing a much higher speed in the accessibility and use of information. With technological progress, the role of librarians has changed because of demands from technology, globalization and the appreciation of intelligence and knowledge, but that such changes occur, there must be a plan in libraries. The technologies challenge the librarian in the performance of their work and even their social function, and make mediation a more significant to the access to information process.

Keywords: Dissemination of information. Distribution of information. Virtual social network.

## REFERÊNCIAS

BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais**. São Paulo: Edições VNI, 2011. 209 p.

BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais**. v. 2. São Paulo: Edições VNI, 2012. 279 p.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

**A EVOLUÇÃO das redes sociais e o possível fim do facebook**. Disponível em: < <http://www.webop.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-o-possivel-fim-do-facebook/>>. Acesso em 14 de maio de 2014.

**FACEBOOK completa 10 anos; veja a evolução da rede social**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>>. Acesso em 15 de maio de 2014.

FREIRE, G.H; FREIRE, I.M. **Introdução à ciência da informação**. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2010. 128 p.

**A HISTÓRIA das redes sociais: como tudo começou**. Disponível em: < <http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm> >. Acesso em 08 de maio de 2014.

GONÇALVES, M; TERRA, C. Blogs corporativos: nova ferramenta de comunicação empresarial e/ou uma realidade ainda pouco brasileira. **Revista Prisma**, v. 1, p. 1-18, 2007.

**LINHA do tempo, a evolução das Redes sociais**. Disponível em: <<http://webdig.com.br/10606/linha-do-tempo-a-evolucao-das-redes-sociais/>>. Acesso em 15 de maio de 2014.

MAXIMIANO, Antônio C. Amaru. Introdução à administração. In: \_\_\_\_\_. **Processo de Planejamento**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 113 - 131.

NASCIMENTO, M. I. S; ARAÚJO, W. J. Disseminação da informação profissional no linkedin: uma análise sob a ótica das redes sociais. **Revista Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 1 p. 40-5, 2013.

RECUERO, Raquel. Warblogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, n.37, p. 57-76, 2003.

SANTANA, Célio Andrade... [et al.]. Fluxos informacionais: como se dá a disseminação da informação no twitter. In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE TECNOLOGIA, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO – ENEGI, 4., 2010, Recife. **Anais...** Recife, 2010.

SIMÃO, João. Relação entre os blogs e webjornalismo. **Revista Prisma**, v. 1, n. 3, p. 148-164, 2006.

VAZ, Aparecida de Fátima; PIRES, Maria Abadia; CARDOSO, Cristiane de Fátima dos Santos. Avaliação da usabilidade em sistemas de gerenciamento de biblioteca: software SIGA e SOPHIA. In: ENCONTRO ANUAL DE COMPUTAÇÃO – ENACOMP, 10., 2013, Catalão - Goiás. **Anais...**Catalão, 2013.

YAMASHITA, D. S; CASSARES, N. C; VALENCIA, M. C. P. Capacitação do bibliotecário no uso das redes sociais e colaborativas na disseminação da informação. **Revista CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 161.172, jan/abr. 2012.